



EmRede
FILHAS DE JESUS

Ano XX - Número 23 - Ano: 2025

A vivência de
um carisma na
escola católica

Pág. 24

O Fazer Pedagógico no Século XXI

Pág. 14

A prática de
leitura no
Ensino Médio

Pág. 36

Escola que
Inspira, Cidade
que Transforma

Pág. 06

Olimpíadas do
Conhecimento

Pág. 55



ESPERANÇAR

O Projeto Esperançar é uma iniciativa da Rede Filhas de Jesus, com diversas frentes de atuação, que busca transformar atitudes e vidas, levando esperança e ânimo para o futuro.

Com atenção especial ao meio ambiente, à sustentabilidade do nosso planeta e ao respeito ao próximo, o Esperançar é uma ação que conscientiza alunos, famílias e educadores sobre a importância do cuidado com a nossa casa comum.



EDITORIAL

Ampliando horizontes



Há algo de profundamente humano no ato de olhar para o horizonte. Ele nos convida à contemplação, desperta a esperança e inspira o desejo de ir além. No horizonte cabem sonhos, descobertas, novos mundos e a certeza de que sempre há mais a ser vivido. Assim é também a educação: um convite constante para ampliar a visão, abrir caminhos e transformar vidas.

Na Rede Filhas de Jesus, acreditamos que ampliar horizontes é muito mais do que adquirir conhecimento acadêmico. É um processo integral que envolve a mente, a emoção, o físico e o espiritual. É crescer como pessoa, explorar novas ideias, reconhecer e respeitar a diversidade, dialogar com culturas diferentes e, sobretudo, fortalecer a fé que nos orienta e dá sentido à caminhada.

A educação católica nos ensina a olhar para além do visível, reconhecendo que a verdadeira transformação se dá quando unimos conhecimento, valores e transcendência. Ampliar horizontes é perceber que o mundo é plural e que, mesmo diante do diferente, podemos dialogar sem perder nossa identidade. É formar pessoas capazes de superar adversidades,

corrigir rotas, reconciliar-se e contribuir para um mundo mais justo, solidário e sustentável.

Nesta edição, abordamos temas que traduzem esse compromisso. Discutimos o fazer pedagógico no século XXI, com seus desafios e inovações; refletimos sobre a inclusão como caminho de justiça e fraternidade; aprofundamos a vivência do carisma numa escola católica, que dá sentido à nossa missão; analisamos a qualidade da educação como base para o desenvolvimento integral; e celebramos as Olimpíadas do Conhecimento, que mostram como o aprendizado pode ser motivador e transformador.

Ao olharmos para o horizonte da educação, vemos nele um futuro de possibilidades infinitas. Nosso papel é inspirar cada aluno a descobrir e construir o seu próprio caminho, com coragem, fé e generosidade. Porque, ao transformar vidas pela educação, não apenas ampliamos horizontes: ajudamos a criar novos.

Vamos voar?

Renata Dantas
Gestora de Comunicação
e Marketing
Rede Filhas de Jesus

Índice

Escola que Inspira, Cidade que Transforma	06
Projeto Integrado ONU (PIO)	10
O Fazer Pedagógico no Século XXI	14
Formando Leitores	18
Arte, mídia e educação	21
A vivência de um carisma na escola católica	24
Por uma Pastoral do Desejo	27
Discernir e Acompanhar	32
A prática de leitura no Ensino Médio	36
Biblioteca escolar	40
Educar para a compaixão	43
Onde mora a infância	44
Os desafios para a implementação das políticas públicas de inclusão no cotidiano escolar	46
Peregrinos de esperança no mundo educativo	50
Olimpíadas do Conhecimento	55

Expediente

Revista Em Rede

Congregação das Filhas de Jesus

Sociedade de Educação Integral e de Assistência Social

Ano XX | Número 23 | Outubro/2025

Tiragem: 1.000 - Distribuição Gratuita

**CONGREGAÇÃO DAS
FILHAS DE JESUS
GOVERNO PROVINCIAL
BRASIL - CARIBE**



Ir. Sônia Maria Soares da Rocha - Superiora Provincial

Ir. Regina Célia de Oliveira - Primeira Conselheira

Ir. Vera Lúcia Ladeia Ramos - Segunda Conselheira

Ir. Leila Janaína Pereira da Silva - Terceira Conselheira

CONSELHO EDITORIAL

Maria José Alves Machado

Cássia Lara Neves de Araújo

Renata Pires de Mendonça Dantas

GESTÃO DE COMUNICAÇÃO E MARKETING JORNALISTA RESPONSÁVEL

Renata Pires de Mendonça Dantas
(Reg. Prof. 09059-JP/MG)

COLABORAÇÃO

Equipe pedagógica e administrativa
da Rede Filhas de Jesus

REVISÃO

Renata Pires de Mendonça Dantas e Simone Rezende

FOTOS

Acervo Rede Filhas de Jesus e Banco de Imagens

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO

Quener Barros

UMA PUBLICAÇÃO DA REDE FILHAS DE JESUS

Seias - Sociedade de Educação Integral e Assistência Social

R. Ludgero Dolabela, 1021- 6º andar - Gutierrez - 30441-048

Belo Horizonte / MG - 31 3337-8755

Árvore, nossa parceira de leitura

A árvore é uma plataforma gamificada que transforma a leitura em uma experiência envolvente, divertida e inspiradora.

Com a Árvore, nossos alunos e educadores têm acesso a um acervo com 40 mil livros.

- Livros paradidáticos, literários e acadêmicos;
- Audiolivros;
- Revistas e livros em Inglês e Espanhol; Textos jornalísticos do mundo inteiro;
- Modo offline para ler sem internet.



Aponte a câmera para o QRCode e descubra um mundo de conhecimento!

Árvore



Escola que Inspira, Cidade que Transforma

Uma experiência de formação cidadã no 8º ano do IECJ

IECJ - Bragança Paulista



Em tempos de descrença política e distanciamento dos jovens dos espaços de decisão, a escola se reafirma como ambiente de transformação. O projeto “Câmara Jovem IECJ – Formação Cidadã e Participação Política” foi uma iniciativa desenvolvida no Instituto Educacional Coração de Jesus, com os alunos do 8º ano, em parceria com a Escola do Parlamento de Bragança Paulista, representada por Thiago Vieira.

Mais do que estudar teoria, os estudantes vivenciaram o funcionamento do poder legislativo, compreenderam o papel dos vereadores, identificaram problemas reais da cidade e criaram propostas de políticas públicas baseadas nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), da Agenda 2030 da ONU. O projeto culminou com uma apresentação oficial na Câmara Municipal.

A proposta foi iniciada com uma palestra preparatória no auditório da escola, ministrada pela Escola do Parlamento. Em seguida, as disciplinas de História, Geografia e Redação se uniram para conduzir um trabalho pedagógico interdisciplinar. Estudando o contexto da cidade, os alunos mapearam desafios e potenciais de Bragança Paulista e, organizados em grupos, desenvolveram projetos que refletissem soluções viáveis para a população.

Ao longo do processo, os estudantes aprenderam a estruturar textos argumentativos, usar dados geográficos e socioeconômicos, além de exercitar a oratória e o debate. A culminância se deu com a simulação de uma sessão legislativa, na qual os alunos defenderam suas propostas na tribuna da Câmara.





“*Estudando o contexto da cidade, os alunos mapearam desafios e potenciais de Bragança Paulista e, organizados em grupos, desenvolveram projetos que refletissem soluções viáveis para a população.*”

Projetos criados pelos alunos

Diversos projetos se destacaram pela criatividade e relevância social. A seguir, alguns exemplos representativos:

Clube Público para Esportes e Dança: Um centro esportivo gratuito, voltado ao combate do sedentarismo e à promoção da saúde física e mental da população, com foco em lazer e qualidade de vida para todas as idades.

Programas Sociais Esportivos Gratuitos: Proposta que prevê aulas esportivas subsidiadas pela prefeitura, com prioridade para pessoas de baixa renda e grupos em situação de vulnerabilidade, aliando inclusão social à saúde preventiva.

Esperança em Cada Patinha: Projeto de resgate e adoção de animais abandonados, com atendimento veterinário, campanhas de vacinação e incentivo à guarda responsável, promovendo bem-estar animal e saúde pública.

Melhoria na Sinalização Urbana: Os alunos propuseram o reforço na sinalização de trânsito em áreas de maior risco, com ampliação de faixas de pedestres, instalação de semáforos e placas, visando à segurança de motoristas e pedestres.

Haras Terapia: Proposta de implantação de um centro de equoterapia, como forma de apoio a pessoas com deficiência, transtornos mentais ou necessidades especiais, utilizando o contato com cavalos como prática terapêutica.

Campanhas de Solidariedade e Voluntariado: Os estudantes elaboraram ações comunitárias como arrecadação de alimentos e brinquedos, revitalização de praças públicas e estímulo à cultura da empatia e da colaboração cidadã.

Todos os projetos foram relacionados a um ou mais Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). Por exemplo: O projeto do Eco ponto está ligado ao ODS 12

(Consumo e Produção Responsáveis), pois incentiva o descarte correto de resíduos, reduz a poluição e promove a reutilização e reciclagem de materiais.

Já as campanhas de solidariedade têm relação direta com o ODS 1 (Erradicação da Pobreza), ao mobilizar doações e apoio às populações em situação de vulnerabilidade.



Impactos Educacionais

O projeto teve forte impacto no desenvolvimento dos estudantes. Entre os resultados observados:



Fortalecimento da argumentação e da comunicação oral;



Aproximação dos alunos da realidade política e social da cidade;



Formação de consciência crítica e empatia;



Valorização da escuta e do diálogo;



Prática efetiva da interdisciplinaridade.

Parceria: Escola do Parlamento da Câmara Municipal de Bragança Paulista

Além disso, os alunos experienciaram o papel do vereador e compreenderam que a política é um instrumento de transformação, e não apenas um tema distante ou inacessível.

“A educação não transforma o mundo. A educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo”, dizia Paulo Freire. O projeto Câmara Jovem IECJ é prova concreta de que a escola pode formar alunos

ativos, sensíveis e comprometidos com o bem comum.

Ao pensar globalmente, mas agir localmente, os alunos do 8º ano mostraram que a cidadania não é um conceito abstrato - ela se aprende, se exercita e se pratica, desde cedo. O IECJ, em parceria com a Escola do Parlamento, ofereceu um caminho potente: transformar a cidade a partir da sala de aula.

André Alves Januario



Licenciado e bacharel em História pela UNESP, mestre em Educação pela PUC Campinas. Ex aluno e professor de História do Instituto Educacional Coração de Jesus, em Bragança Paulista (SP), onde atua há mais de 13 anos.

Camila Leme de Camargo Oliveira



Professora de Língua Portuguesa e Redação no Instituto Educacional Coração de Jesus (IECJ). Atua na área da Educação há 18 anos, com experiência em ensino, projetos pedagógicos e gestão escolar. Foi vencedora do Prêmio Gestão Escolar 2020, nas etapas estadual e regional, reconhecimento que ressalta sua atuação na liderança educacional. É graduada em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, possui Licenciatura em Letras com habilitação em Língua Inglesa e Licenciatura em Pedagogia.

Rodrigo Ribeiro



Licenciado e bacharel em Geografia pela FESB, especialista em Educação pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ) e em Gestão e Manejo Ambiental pela Universidade Federal de Lavras (UFLA). Atualmente cursa Pedagogia e leciona Geografia e Sociologia no Instituto Educacional Coração de Jesus, em Bragança Paulista (SP), onde atua há mais de 16 anos.

Projeto Integrado ONU (PIO)

Uma experiência pedagógica no Colégio Imaculada Conceição de Mogi Mirim-SP

Colégio Imaculada Mogi Mirim



A contemporaneidade impõe à educação o desafio de formar sujeitos capazes de interpretar criticamente o mundo, interagir em contextos multiculturais e atuar de modo responsável nas esferas local e global. Atento a essas demandas, o Colégio Imaculada Conceição de Mogi Mirim-SP promoveu, no ano de 2025, o Projeto Integrado ONU (PIO), uma simulação escolar inspirada nos Modelos das Nações Unidas (MUN), integrando saberes das disciplinas de Geografia, Sociologia e Língua Inglesa. A condução do projeto esteve a cargo dos professores André Luís Messetti Christofoletti, Maísa Lovo Pilla e Ana Paula Xavier, com ampla participação dos estudantes das primeiras e segundas séries do Ensino Médio.

O PIO foi concebido com base nas orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), mobilizando habilidades essenciais das áreas de Ciências Humanas e Linguagens. Entre elas, destacam-se: (EM13CHS104) - Analisar situações-problema com base nos direitos humanos e no exercício da cidadania; (EM13CHS202) - Avaliar a atuação de instituições democráticas nacionais e internacionais; e (EM13LGG703) - Utilizar a língua inglesa em contextos de discussão intercultural. No âmbito das competências gerais da BNCC, o projeto contribuiu notadamente para o desenvolvimento do repertório cultural (3), da comunicação (4) e da empatia e cooperação (9).



“Os jovens que participam de simulações da ONU tornam-se mais conscientes da realidade de refugiados e imigrantes, criando propostas reais e empáticas para esses desafios globais.”
ACNUR Brasil



Durante a simulação, os estudantes organizaram-se em delegações que representam diferentes países membros da ONU, debatendo temas de grande relevância internacional, como deslocamentos forçados, conflitos étnico-religiosos, alterações climáticas e desenvolvimento sustentável. Todas as sessões foram conduzidas também em língua inglesa, o que ampliou a vivência intercultural e fortaleceu a argumentação oral dos participantes. Ao longo das apresentações, os estudantes precisavam atentar-se não só ao tema designado, mas à busca por uma postura que replicasse fidedignamente o posicionamento de cada nação implicada no processo. Em contrapartida, o Direito Internacional e

as questões humanitárias também foram objeto de pesquisa e análise por parte dos alunos engajados no PIO. Como salienta a reportagem do Instituto Claro (2020), “a vivência diplomática proposta pelo MUN estimula o respeito à diversidade de opiniões, o que contribui para a formação de sujeitos democráticos”.

Os desdobramentos do projeto estenderam-se além dos muros escolares. Os estudantes de maior destaque foram convidados a representar a instituição na FAMUN, promovida pela Facamp com chancela da ONU Brasil. Além disso, duas duplas do Colégio — entre elas, as alunas Helena Bueno e Luiza Galiano — foram selecionadas, entre mais de 300 inscritas, para compor o grupo de 40 delegações finalistas da Simulação do Conselho de Segurança da ONU, realizada na Pontifícia Universidade Católica de Campinas em maio de 2025. A participação das estudantes foi marcada por excelência argumentativa, rigor analítico e postura ética, o que lhes rendeu reconhecimento dos avaliadores e dos colegas. Segundo relato das próprias alunas, a experiência foi “inesquecível e transformadora”, ampliando seus horizontes acadêmicos e pessoais.



O envolvimento discente foi expressivo em todas as etapas do PIO. Da construção dos dossiês diplomáticos à elaboração de propostas de resolução, observou-se um crescente engajamento e

amadurecimento intelectual dos estudantes. Muitos deles relataram ter superado o receio de se expressar publicamente, além de desenvolver maior empatia por diferentes culturas e realidades sociais. O ambiente de cooperação, escuta e respeito às regras do debate acadêmico tornou-se um espaço fértil para o protagonismo juvenil.

Como apontam Mendes e Paiva (2022), “a prática das simulações estimula o pensamento diplomático, a argumentação racional e a empatia, atributos fundamentais para a formação de lideranças globais comprometidas com a paz”. Essa afirmação reverbera nos resultados observados ao longo do PIO, especialmente no que se refere à qualidade dos discursos, à maturidade dos posicionamentos e à capacidade de mediação entre visões distintas. Ainda segundo o ACNUR Brasil (2023), os jovens que participam de simulações da ONU “tornam-se mais conscientes da realidade de refugiados e imigrantes, criando propostas reais e empáticas para esses desafios globais”.

Ao integrar o Projeto Integrado ONU ao cotidiano escolar, o Colégio Imaculada Conceição reafirma seu compromisso com uma educação cristã, dialógica e socialmente engajada. Como propõe o Nosso Modo Próprio de Educar, o carisma das Filhas de Jesus



ultrapassa a intelectualidade, utilizando-a também como instrumento para o cultivo de valores que promovam uma educação integral da pessoa (NMPE, 33). Através da valorização do diálogo, da empatia e da responsabilidade coletiva, o PIO consolida-se como uma prática pedagógica inovadora e coerente com a missão evangelizadora da escola católica: formar cidadãos íntegros, compassivos e aptos a contribuir ativamente para a construção de um mundo mais justo e fraterno.

Depoimentos das estudantes:

Luiza Galiano Campos, 1ºEM

A experiência de visitar a PUC-CAMPINAS e viver o PUCMUN é enriquecedora e nos desperta uma vivência de lidar com o





nervosismo, sair do comum e viver “outro mundo”. Essa experiência também agrega uma bagagem para além dos conhecimentos acadêmicos. Conviver com pessoas que vêm de uma jornada totalmente diferente da sua e que trazem algo para somar à nossa história. Uma simulação estilo ONU nos ajuda a desenvolver o pensamento crítico e lidar com a necessidade de achar uma solução rápida para um conflito com raízes profundas.

Isabela Zeferino, 1º EM

A experiência de ter participado dessa simulação foi muito boa, com muitos resultados positivos, já que conhecemos pessoas diferentes, visitamos a faculdade e conseguimos participar pela primeira vez de uma simulação da ONU fora da escola. É algo que apesar do nervosismo, sei que abrirá muitas portas na minha vida, e que será inesquecível ter vivenciado tudo isso.

**Dr. André Luís
Messetti
Christofoletti**



Licenciado em Geografia pela Unesp de Rio Claro, e em Pedagogia pelo Claretiano, mestre em Educação pela UFSCar Sorocaba e doutor em Geografia pela Unesp de Rio Claro. É professor de Geografia do Colégio Imaculada Conceição de Mogi Mirim desde 2023.

Helena Bueno, 1º EM

A simulação da PUC-CAMPINAS (PUCMUN 2025) foi uma experiência incrível na qual pude conhecer e me aprofundar nas relações globais. De início foi desafiador, mas com o passar dos dias fui me adaptando e deixando a vergonha de lado. Conheci pessoas muito legais, e tive vivências que vou levar para o resto da vida. Estou muito feliz de poder ter a oportunidade de ir à esse tipo de projeto e explorar novas áreas de conhecimento.

Referências Bibliográficas

ACNUR BRASIL. 8 ideias inovadoras de alunos do Modelo da ONU para ajudar refugiados. 2023. Disponível em: <https://www.acnur.org/br/noticias/comunicados-imprensa/8-ideias-inovadoras-de-alunos-do-modelo-da-onu-para-ajudar-refugiados>. Acesso em: 2 jun. 2025.

INSTITUTO CLARO. Modelo de simulação da ONU na escola estimula respeito a pensamento divergente. 2020. Disponível em: <https://www.institutoclaro.org.br/educacao/nossas-novidades/videos/modelo-de-simulacao-da-onu-na-escola-estimula-respeito-a-pensamento-divergente/>. Acesso em: 2 jun. 2025.

MENDES, Cláudia B.; PAIVA, André L. O uso da metodologia participativa de simulações da ONU como estratégia didática para o ensino do Direito Internacional Público. Revista do Curso de Direito, v. 12, n. 2, p. 245-268, 2022. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/361706587>. Acesso em: 2 jun. 2025.

SINUS. O que é o Modelo das Nações Unidas? Disponível em: <https://www.sinus.org.br/modelos-das-nagues-unidas>. Acesso em: 2 jun. 2025.

TAVARES, Flávia L. A. O modelo das Nações Unidas como ferramenta pedagógica no Ensino Médio: um estudo de caso. Revista de Políticas Públicas e Inclusão, v. 15, n. 1, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rppi/article/download/61171/36232/187621>. Acesso em: 2 jun. 2025.

JESUS, FILHAS DE. Nosso Modo Próprio de Educar. Tradução de Luiza Amaral. Roma, 1994, pág. 33, § 79.

Maísa Lovo Pilla



Licenciada e bacharel em Filosofia, com ênfase em Educação e Filosofia da Arte pela UNICAMP, especialista em Educação Transformadora pela PUCRS e atua como educadora há 13 anos. Atualmente, ministra aulas no Colégio Imaculada Conceição (Mogi Mirim-SP) e também no Instituto Educacional Imaculada (Campinas-SP), dos quais foi ex-aluna.

O Fazer Pedagógico no Século XXI

Olhar, acolher e agir com coragem e esperança

Centro de Serviços Compartilhados

Gerada por IA

A Educação na contemporaneidade apresenta enormes desafios, mas também outras possibilidades para as quais precisamos abrir nossos olhos, nossa mente e nossos corações. Se não nos abrimos ao novo, continuaremos a fazer “mais do mesmo”, ponto que a querida Irmã Sônia Regina Rosa sempre nos instigou a refletir. Vivemos em uma realidade onde a informação dobra assustadoramente e a inteligência artificial redefine fronteiras, o fazer pedagógico enfrenta um cenário de complexidade sem precedentes, no entanto, não pode haver medo, nesse contexto. Não é possível paralisar.

Como preparar as novas gerações para um futuro que sequer conseguimos vislumbrar completamente? De acordo com o Fórum Econômico Mundial, a urgência é evidente: quase 50% de todas as habilidades necessárias hoje serão significativamente diferentes ou obsoletas até 2027. Diante desse cenário de transformação constante e acelerada, educar não pode se limitar a transmitir conteúdo, mas sim preparar mentes flexíveis, criativas e resilientes, ou seja, colocar em prática o que a Unesco já aponta há anos quando apresentou os quatro pilares

Relatório sobre o Futuro dos Empregos 2025

10 habilidades com maior índice de crescimento até 2030

- 1  IA e big data
- 2  Redes y ciberseguridad
- 3  Redes e segurança cibernética
- 4  Criatividade
- 5  Resiliência, flexibilidade e agilidade
- 6  Curiosidade e aprendizado ao longo da vida
- 7  Liderança e influência social
- 8  Gestão de talentos
- 9  Pensamento analítico
- 10  Gestão ambiental

- | | | |
|--|---|---|
|  Habilidades cognitivas |  Autoeficácia |  Trabajo en equipo |
|  Habilidades de gestão |  Habilidades de tecnologia |  Outros |

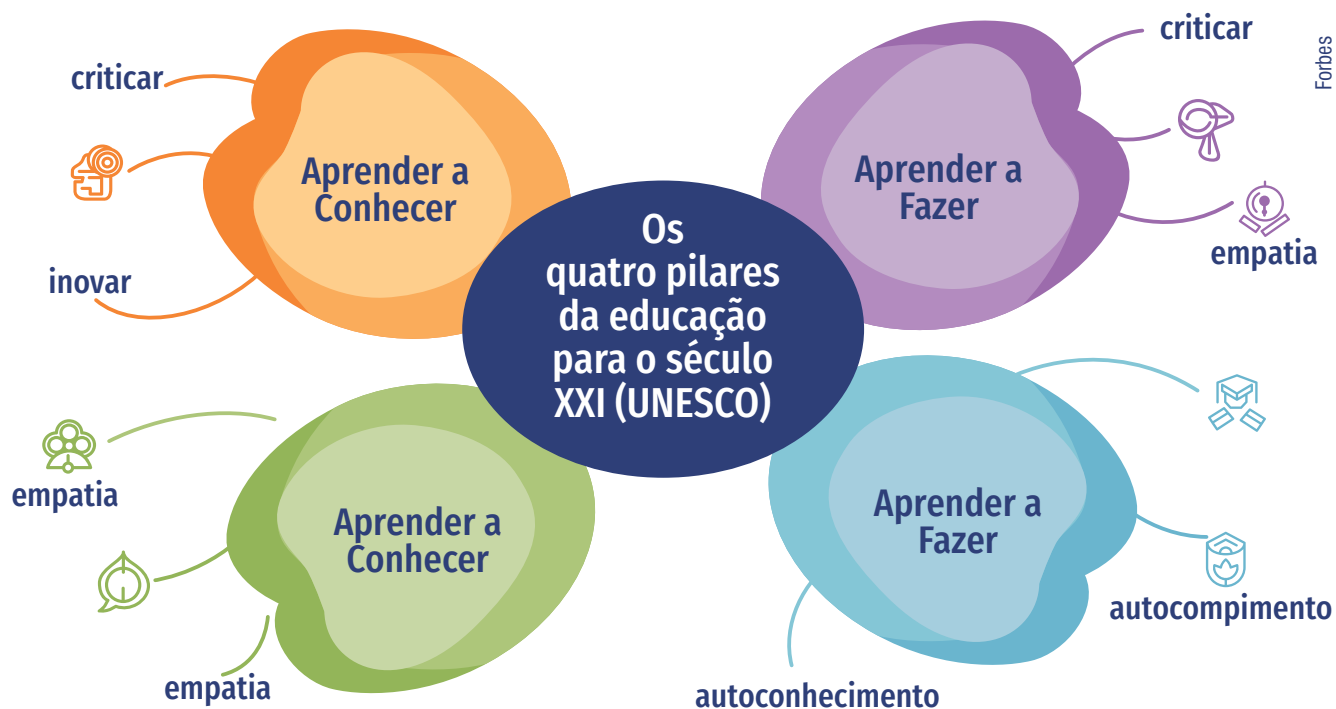
necessários para a educação: aprender a aprender, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser.

Mesmo diante de desafios tão intensos, a educação tem a capacidade de nos mover com a coragem e a esperança necessárias para a construção desse futuro, pois ser educador exige um reencantar-se constante. Algumas palavras do Papa Francisco, destinada aos jovens, mas que devemos trazer para nossa realidade de educadores: "Sigam em frente com a coragem, a ousadia e a criatividade que lhes são características, sem desanimar nem deixar que lhes roubem a esperança".

Trago aqui para essa reflexão o teólogo e educador brasileiro Hugo Assmann, que nos propõe uma reflexão profunda sobre a crise de sentido na educação contemporânea e a necessidade urgente de

resgatar a paixão, o encantamento e a relevância do processo educativo. Assmann argumenta que a educação tem sido excessivamente instrumentalizada e mercantilizada, perdendo sua capacidade de inspirar, questionar e transformar. Aí saliento o nosso diferencial, pois não caímos nessas armadilhas que nos colocam no lugar de oferta de uma educação superficial, sem intencionalidade, para conquistar uma estatística.

Nas escolas da Rede Filhas de Jesus somos chamados à renovação constante, chamados a esse reencantamento que implica em resgatar a dimensão utópica, ética e estética do processo educativo. Reencantar significa recuperar a capacidade de se maravilhar, de questionar, de imaginar e de construir um futuro mais justo e humano, que exige uma abordagem mais holística e humanizadora, como a



“ Vivemos em uma realidade onde a informação dobra assustadoramente e a inteligência artificial redefine fronteiras, o fazer pedagógico enfrenta um cenário de complexidade sem precedentes, no entanto, não pode haver medo, nesse contexto. Não é possível paralisar.”



O PONTO DE DEUS

Gerada por IA

que propomos no Nosso Modo Próprio de Educar. Está no nosso DNA ir além dos conteúdos, focando no desenvolvimento humano integral, em habilidades como pensamento crítico, criatividade, colaboração, empatia, trabalho em equipe, ou seja, fatores imprescindíveis para a sociedade.

Retomando Assmann, em *Reencantar a Educação: Rumo à sociedade aprendente*, enfatizamos que a educação deve ser um lugar onde se produz e se ressignifica o sentido da vida, do conhecimento e das relações humanas. Não se trata apenas de transmitir informações, mas de promover a reflexão crítica, a capacidade de interpretar o mundo e de agir sobre ele de forma consciente e responsável. O sentido é construído ativamente, não apenas recebido. Assmann destaca a importância da dimensão afetiva e da "inteligência espiritual" na educação. Argumenta que o aprendizado significativo não ocorre apenas no plano cognitivo, mas também envolve emoções e a busca por um propósito maior, por um "Projeto de Vida". Reconhecer a dimensão espiritual é fundamental para uma educação que visa o desenvolvimento integral do ser humano.

Diante do cenário atual e a partir das reflexões apresentadas, reforçamos a necessidade de manter a

utopia e a esperança na educação. A utopia não como fuga da realidade, mas como um horizonte que impulsiona para a ação transformadora, onde a esperança é a força que nos permite persistir na construção de um mundo mais justo, fraterno e solidário, mesmo diante de adversidades. O que precisamos é romper com modelos ultrapassados, obsoletos, experimentando novas metodologias, sem temer a mudança. "Não tenham medo." (Papa Francisco).

Repito, e a repetição é inciana: educar para o futuro exige uma visão que vai além do imediato. É preciso coragem para enfrentar os desafios inerentes à transformação social, para defender ideais e para implementar mudanças que, muitas vezes, não geram resultados imediatos. A esperança, por sua vez, é o combustível que nos impulsiona a acreditar no potencial humano e na possibilidade de construir um amanhã melhor, mesmo diante das adversidades. Sem esses dois elementos, seria fácil cair no desânimo e no imediatismo, comprometendo a qualidade e o propósito da educação. Assumimos nossa responsabilidade com os sete compromissos que o Pacto Educativo Global nos convoca e, como signatários desse pacto, seguimos firmes no propósito de construir um humanismo solidário,



superando as fragmentações e firmes na reconstrução do tecido das relações humanas para uma sociedade mais fraterna e justa.

Seguimos rumo a mais 153 anos com coragem e esperança, pois formamos uma bela aldeia que educa!

Para não esquecer, os sete compromissos do Pacto Educativo Global:

Colocar a pessoa no centro: Valorizar a individualidade e a capacidade de cada ser humano de se relacionar com os outros, combatendo a cultura do descarte e promovendo o respeito à dignidade humana em todos os processos educativos.

Ouvir as gerações mais novas: Dar voz às crianças, adolescentes e jovens, escutando suas perspectivas, sonhos e anseios para construir um futuro de justiça, paz e vida digna para todos.

Promover a mulher: Favorecer a plena participação de meninas e jovens na educação, garantindo igualdade de oportunidades e combatendo todas as formas de discriminação e violência de gênero.

Responsabilizar a família: Reconhecer a família como o primeiro e indispensável agente educador, apoiando-a e incentivando sua participação ativa na formação das novas gerações.

Se abrir à acolhida: Educar e educar-nos para a acolhida, abrindo-nos aos mais vulneráveis e marginalizados, promovendo a inclusão e a integração de todos na sociedade.

Renovar a economia e a política: Estudar e propor novas formas de compreender a economia, a política, o crescimento e o progresso, colocando-os a serviço do ser humano e de toda a família humana, na perspectiva de uma ecologia integral.

Cuidar da casa comum: Proteger e cultivar o meio ambiente, adotando estilos de vida mais sóbrios e promovendo o uso de energias renováveis e respeitadas do planeta, como parte de uma ecologia integral.

Referências bibliográficas:

<https://www.weforum.org/stories/2025/01/future-of-jobs-report-2025-jobs-of-the-future-and-the-skills-you-need-to-get-them/> acesso em 05 de junho de 2025.

Assmann, Hugo. Reencantar a educação: Rumo à sociedade aprendente. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

FRANCISCO (Papa). Coragem!: as razões de nossa esperança. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

FRANCISCO (Papa). Esperança: A autobiografia. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2025.

Cássia Lara
Neves de Araújo



Gestora educacional da Rede Filhas de Jesus. Pedagoga e Historiadora com MBA em Gestão e Liderança Educacional, especialista em Psicopedagogia, Gestão de Escolas, Neurociência, Metodologias Ativas e Direito Educacional, mestranda em Educação.



Formando Leitores

Reflexões a partir do trabalho pedagógico com Tertúlias Literárias

Colégio Imaculada Mogi Mirim

A infância é um período essencial para a formação de hábitos e competências leitoras. Nesse período da vida, o contato com livros e histórias desenvolve a linguagem, a imaginação e o pensamento crítico, estabelecendo as bases para o gosto pela leitura. Durante esse processo, os adultos (pais, professores, entre outros) desempenham uma função fundamental, pois podem propiciar a criação de um ambiente estimulante e acolhedor.

Enquanto proposta de incentivo à leitura, as tertúlias literárias, por sua vez, são encontros que promovem a troca de experiências a partir das histórias, caracterizando-se por uma leitura dialógica, onde todos têm voz e as memórias e sentimentos pessoais são valorizados. Esse espaço de escuta e respeito mútuo, mediado por um facilitador, favorece a interação e o enriquecimento cultural, proporcionando um ambiente inclusivo e reflexivo.

A infância como tempo de formação leitora

A infância é o momento em que o sujeito se constitui. É uma fase marcada por intensas fantasias, afetos e experiências que deixam impressões para a vida toda.

Nesse período da vida, a leitura e a escuta de histórias podem operar como meios simbólicos de organizar essas vivências, pois, através delas, a criança projeta, identifica e elabora desejos, medos e conflitos.

Ler ou ouvir uma história permite à criança fantasiar em segurança, deslocar o que é seu para o campo da ficção, da fantasia. Nas histórias, ela se identifica com personagens, situações e valores. Isso propicia a construção de sua subjetividade.

Um livro lido por um adulto, especialmente uma figura significativa (pai, mãe, educador), pode ser um importante meio de fortalecer os laços, pois é também uma forma de transmissão de linguagem, cultura e afeto. A escuta de histórias literárias introduz a criança no campo da linguagem simbólica, distinta da fala utilitária do cotidiano. A linguagem literária - poética, metafórica, ritmada - abre espaço para o desejo, para o não dito, para aquilo que escapa ao sentido imediato. É nesse território que a imaginação se expande e que novas formas de expressão e compreensão do mundo se tornam possíveis.

No Colégio Imaculada, localizado em Mogi Mirim/SP, os projetos de incentivo à leitura são práticas que integram o fazer pedagógico há mais de vinte anos, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio. Atentas às necessidades dos tempos atuais e aos pressupostos apresentados, em 2025, a equipe docente do 2º ano do Ensino Fundamental tem

buscado ampliar as experiências leitoras das crianças consolidando-as em práticas significativas de leitura. Ao longo do ano, serão desenvolvidas diversas atividades, como a leitura deleite/leitura-fruição, a leitura individual, a leitura para estudar, o ler para o outro, a leitura compartilhada. Incentivando o pensamento crítico e a expressão dos sentimentos através de um espaço coletivo de escuta, reflexão, fortalecendo assim o vínculo das crianças com os textos e com seus pares por meio do diálogo literário, a exploração da leitura acontecerá através das tertúlias literárias.

A proposta de trabalho com as tertúlias literárias e as experiências decorrentes

Pensando no processo de aprendizagem das crianças do 2º ano do Ensino Fundamental, a proposta da tertúlia literária foi sensivelmente adaptada à faixa etária em que se encontram os alunos. Nesse contexto, a professora atua como mediadora, organizando o momento de conversa e incentivando a participação de todos, garantindo que cada criança tenha voz e se sinta parte do grupo.

A tertúlia tem início com a escolha cuidadosa de um livro literário de qualidade, que ofereça espaço para interpretações diversas e emoções individualizadas. A partir da leitura da história em destaque, realiza-se um momento de escuta e diálogo, no qual os estudantes compartilham livremente suas impressões, sentimentos e interpretações do que foi lido, sem a preocupação com respostas "certas" ou análises técnicas.

Para a tertúlia realizada no 1º trimestre letivo, o livro escolhido foi o clássico “O Pequeno Príncipe” de Antoine de Saint-Exupéry – uma obra atemporal, admirada por crianças, jovens e adultos ao redor do mundo. Já para a tertúlia do 3º trimestre letivo, a história selecionada foi “A fantástica fábrica de chocolates”, um romance infantil de 1964 do autor britânico Roald Dahl. A obra apresenta as aventuras do jovem Charlie Bucket dentro da misteriosa e encantadora fábrica de chocolates do excêntrico chocolatier Willy Wonka.

Para que esses encontros literários fossem vividos de forma ainda mais significativa, as educadoras do 2º ano cuidaram para que o ambiente da escola promovesse acolhimento e inspiração. Assim, no primeiro momento da tertúlia literária, a biblioteca foi cuidadosamente preparada para receber os/as alunos/as, proporcionando um espaço especial, atrativo e sensível – ideal para despertar o encantamento e criar memórias afetivas em torno dos livros escolhidos.

A leitura de um trecho da obra foi realizada pela professora, que atuou como mediadora. No entanto, no decorrer do momento, a leitura pôde ser realizada também pelos próprios estudantes, promovendo a autonomia e o protagonismo das crianças no processo.

Após a leitura, para garantir que todos tivessem a oportunidade de se expressar de forma organizada e respeitosa, a professora abriu o “turno da palavra”,



“Quando eu ainda não sabia ler, brincava com livros e imaginava-os cheios de vozes, contando o mundo.” (Cecília Meireles)



que propicia justamente esse tempo organizado em que cada participante tem a oportunidade de falar, assegurando que todas as vozes sejam ouvidas e respeitadas. A partir das manifestações espontâneas, a professora mediadora anotou a ordem dos participantes que manifestaram o desejo de participar e passou a palavra a eles, seguindo a lista. Esse cuidado com a escuta e a fala fortaleceu o ambiente de confiança e colaboração que caracteriza a tertúlia literária.

As crianças que se inscrevem para falar, ou seja, que se sentem motivadas pela leitura, escolhem um trecho do texto que mais lhes chamou a atenção e em seguida compartilham com o grupo os motivos de sua escolha, revelando impressões, sentimentos e interpretações despertados pelo fragmento lido. Na experiência vivida, esse momento de partilha possibilitou trocas sensíveis e significativas, fortalecendo o vínculo entre os leitores e a obra, além de contribuir para a construção coletiva de sentidos, consolidando competências essenciais para o desenvolvimento integral dos alunos.

Em seguida, abriram-se novos turnos de palavras até que todos tivessem a oportunidade de falar. Dessa forma, garante-se a participação igualitária e o respeito à diversidade de pontos de vista em cada sessão.

No dia seguinte, os participantes retomaram o livro com os diálogos e reflexões da sessão anterior, ainda vivos na memória. É justamente a partir desse (re)encantamento coletivo que a compreensão dos

trechos lidos é enriquecida, preparando o grupo para explorar novas passagens, mantendo o fluxo de descobertas e o engajamento de todos até a finalização da história, no decorrer dos dias e meses de leitura.

Com o acesso frequente a livros, artigos, notícias e outros gêneros textuais, as crianças ampliam o repertório e desenvolvem habilidades essenciais não só para aprender a ler, compreender e produzir textos, mas também para ampliar a leitura e o conhecimento de mundo. Em 2025, a proposta da tertúlia literária também tem se beneficiado da nova parceria estabelecida pela Rede Filhas de Jesus: a Plataforma Árvore. Por meio dela, as crianças vivenciam a tecnologia como parte integrante do processo de leitura. Ao explorar a plataforma, desenvolvem autonomia para navegar, interpretar diferentes formatos e utilizar os recursos digitais de maneira crítica e consciente.

Além disso, a plataforma aproxima as famílias do trabalho desenvolvido em sala de aula. Durante o trabalho com a tertúlia, as boas surpresas têm sido constantes. Crianças e familiares têm utilizado a Árvore para avançar na leitura da obra explorada e levar suas descobertas para a escola, compartilhando-as. Em alguns casos, chegam até mesmo a compartilhar outras produções relacionadas ao tema e, surpreendentemente, até biografias dos autores — um verdadeiro espetáculo de engajamento e encantamento pela leitura!



**Fabiane Ap.
Pires Barbosa
Carvalho**

Professora do 2º ano do Ensino Fundamental
Colégio Imaculada - Mogi Mirim/SP.

**Gislaine
Trubiani Sousa**



Professora do 2º ano do Ensino Fundamental
Colégio Imaculada - Mogi Mirim/SP.

Arte, mídia e educação

O uso de dispositivos tecnológicos no ambiente escolar para inclusão e participação de alunos autistas

Colégio Stella Maris



A inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no contexto escolar tem sido tema recorrente nos debates sobre educação inclusiva, especialmente no que se refere às práticas pedagógicas que promovem o desenvolvimento social, emocional e cognitivo desses estudantes. Nesse sentido, as atividades artísticas despontam como ferramentas potentes na mediação de processos de interação, expressão e aprendizagem. A arte, em suas diversas linguagens - música, teatro, dança, pintura e modelagem -, consegue criar pontes entre o mundo interno dos sujeitos e o ambiente coletivo da sala de aula.

Autores como Vygotsky (2001) e Paulo Freire (1996) defendem uma educação que valorize as múltiplas formas de expressão e que reconheça as diferenças como potencialidades. Da mesma forma, pensadores da arte-educação, como Ana Mae Barbosa (2010), destacam que o fazer artístico não apenas desenvolve aspectos cognitivos, mas também promove a integração social e cultural dos sujeitos. Assim, discutir a importância da inclusão dos autistas em práticas artísticas é refletir sobre uma educação mais sensível, plural e democrática.

A Educação Inclusiva e os Desafios do Autismo

O conceito de educação inclusiva se baseia na premissa de que todas as pessoas, independentemente de suas condições físicas, sensoriais, intelectuais ou sociais, têm direito à educação de qualidade em ambientes comuns de ensino. De

acordo com Mantoan (2006), a inclusão não se limita ao acesso físico à escola, mas pressupõe a efetiva participação dos alunos nos processos de aprendizagem e de interação social.

No caso dos estudantes com TEA, os desafios são múltiplos. Características como dificuldades na comunicação verbal e não verbal, padrões restritos de interesse e comportamentos repetitivos podem interferir na interação com colegas e nas atividades propostas em sala. Contudo, esses desafios não devem ser vistos como impeditivos, mas sim como convites à criatividade pedagógica. Vygotsky (2001) destaca que o desenvolvimento ocorre nas interações sociais, sendo a mediação cultural essencial para a construção de significados. Isso significa que, quanto mais variadas forem as experiências oferecidas ao aluno, maiores serão suas possibilidades de desenvolvimento. Nesse contexto, as atividades artísticas assumem papel de destaque, por serem, intrinsecamente, mediadoras culturais.

“*Discutir a importância da inclusão dos autistas em práticas artísticas é refletir sobre uma educação mais sensível, plural e democrática.*”

A Arte como Ferramenta de Inclusão e Expressão

A arte possui uma linguagem universal que transcende a comunicação verbal. Segundo Ana Mae Barbosa (2010), o ensino da arte é uma via potente para a construção da cidadania, pois permite ao sujeito expressar sua visão de mundo, suas emoções e sua subjetividade. Para alunos autistas, muitas vezes privados de formas tradicionais de comunicação, a arte se torna uma ferramenta essencial de expressão. Além disso, autores como Gardner (1995), com sua Teoria das Inteligências Múltiplas, reforçam que os indivíduos aprendem e se expressam de formas diversas. Gardner defende que a inteligência não é uma habilidade única e mensurável, mas composta por múltiplas dimensões, entre elas, a inteligência espacial, musical, corporal-cinestésica e interpessoal - todas elas potencialmente desenvolvidas por meio da arte.

As oficinas de pintura, modelagem, colagem e expressão corporal, quando bem planejadas, podem favorecer não só a expressão do aluno autista, mas também sua interação com os colegas. Segundo Fonseca (1995), o cérebro humano é plástico e adaptável, sendo capaz de se reorganizar diante de estímulos e desafios. Assim, práticas que estimulam diferentes sentidos e formas de expressão contribuem significativamente para o desenvolvimento global do aluno.

A Utilização das Mídias Digitais como Ferramenta de Inclusão

O uso das tecnologias digitais, como celulares, tablets, projetores e recursos audiovisuais, tem se mostrado um poderoso aliado nos processos de inclusão escolar, especialmente no desenvolvimento de atividades artísticas voltadas aos alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). As mídias oferecem recursos multimodais que ampliam as possibilidades de comunicação, expressão e interação, potencializando o engajamento dos estudantes.

Segundo Moran (2015), as tecnologias digitais, quando bem integradas ao contexto educativo, não substituem, mas complementam as metodologias tradicionais, criando ambientes mais dinâmicos e



estimulantes. No campo das artes, os celulares podem ser utilizados para registrar processos criativos, produzir vídeos, editar imagens e até desenvolver narrativas digitais. Projetores, por sua vez, permitem que imagens, sons e vídeos sejam explorados coletivamente, favorecendo a atenção conjunta e a mediação dos conteúdos.

Para os alunos autistas, que muitas vezes apresentam maior interesse por estímulos visuais ou auditivos, esses recursos são especialmente valiosos. Aplicativos de desenho digital, programas de música e ferramentas de edição visual tornam-se canais acessíveis para expressão e criação, ao mesmo tempo em que facilitam a interação social no grupo. Como destaca Kenski (2012), as tecnologias na educação são mediadoras de conhecimento e também de relações, promovendo o diálogo e a inclusão.

A utilização dessas mídias em atividades artísticas permite, por exemplo, que alunos participem da criação de videoclipes, animações ou exposições virtuais, onde cada um contribui com suas habilidades e perspectivas. Essa prática não só estimula a criatividade, como também reforça o sentimento de pertencimento e colaboração dentro da sala de aula.

Experiências Práticas e Resultados na Interação Social

A implementação de atividades artísticas na sala de aula inclusiva não apenas beneficia os alunos com

TEA, mas também enriquece a experiência de todo o grupo. O ambiente se torna mais colaborativo, empático e receptivo às diferenças. A obra de Paulo Freire (1996) nos lembra que "educar é um ato de amor", e, nesse sentido, a arte humaniza as relações, pois rompe com padrões rígidos de ensino-aprendizagem.

Relatos de experiências pedagógicas, como os descritos por Ostrower (1983), apontam que o fazer artístico permite que os alunos experimentem sensações, texturas, cores e movimentos, facilitando não só a expressão, mas também a socialização. Por exemplo, uma atividade de pintura coletiva permite que os alunos compartilhem espaços, materiais e decisões, desenvolvendo habilidades de convivência que vão além do âmbito artístico.

Pesquisas realizadas por Schmidt e Souza (2019) indicam que práticas como o teatro e a música estimulam o desenvolvimento de habilidades comunicativas em crianças autistas, contribuindo para o aumento do contato visual, da escuta ativa e da participação em dinâmicas grupais. Esses resultados reforçam a ideia de que o espaço da arte é, também, espaço de inclusão.

Considerações Finais

A inclusão de estudantes com Transtorno do Espectro Autista em atividades práticas artísticas representa um caminho promissor para a construção de uma escola verdadeiramente inclusiva. A arte, ao proporcionar diferentes formas de expressão, amplia as possibilidades de desenvolvimento cognitivo, emocional e social desses alunos.

Os estudos de Vygotsky, Paulo Freire, Ana Mae Barbosa, Gardner e outros demonstram que a educação, quando pautada na valorização das diferenças, se torna mais rica e significativa para todos os envolvidos. Portanto, investir em práticas artísticas não deve ser visto como uma atividade acessória ou complementar, mas como parte essencial do currículo escolar inclusivo.

Em síntese, a arte não apenas favorece a expressão dos alunos autistas, mas também fortalece os vínculos sociais em sala de aula, promove a empatia,

estimula a criatividade e contribui para a formação de cidadãos mais sensíveis e preparados para conviver com a diversidade.

Referências Bibliográficas

BARBOSA, Ana Mae. A imagem no ensino da arte. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

FONSECA, Vitor da. Psicopedagogia da comunicação e da linguagem: neuropsicologia e aplicação clínica e pedagógica. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GARDNER, Howard. Estruturas da mente: a teoria das inteligências múltiplas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

KENSKI, Vani Moreira. Tecnologias e ensino presencial e a distância. Campinas: Papirus, 2012.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2006.

MORAN, José Manuel. Novas tecnologias e mediação pedagógica. Campinas: Papirus, 2015.

OSTROWER, Fayga. Criatividade e processos de criação. Rio de Janeiro: Vozes, 1983.

SCHMIDT, C.; SOUZA, D. R. A Arte como Ferramenta na Inclusão de Crianças com Autismo: Estudo de Caso em Ambiente Escolar. Revista Educação Especial, v. 32, n. 2, p. 253-270, 2019.

VYGOTSKY, Lev S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Larissa Souza
Rosa Farinazzo



Professora de artes do Colégio Stella Maris, localizado no Rio de Janeiro. É doutoranda e mestre em Mídia pela UFF - Universidade Federal Fluminense e graduada em Artes pela mesma universidade. Possui especialização em Arte e Educação e cursa uma segunda especialização em História da Arte pela PUC Minas. Para além da sala de aula, a autora do artigo possui pesquisas nos campos de mídia, arte e educação.

A vivência de um carisma na escola católica

A interação entre carisma, catolicidade e dinâmica escolar

Colégio Imaculada Campinas

Um dos maiores desafios da escola católica contemporânea é saber se manter fiel à sua identidade, assim como, oferecer excelência acadêmica e estar alinhada com as diretrizes educacionais nacionais. Contudo, em meio a esse contexto, ficam as perguntas: onde desponta o carisma congregacional? Onde ele aparece? E de que forma ele pode e deve ser um diferencial para a nossa ação educativa?

Santa Cândida Maria de Jesus foi destemida em sua missão eclesial e educativa. Não mediu esforços para que o sonho de Deus, nascido e semeado em seu coração, acontecesse efetivamente no seio da história. Ela desbravou desafios e se aventurou no meio educativo que, assim como hoje, carregava as suas inúmeras complexidades. Mas, na conjuntura de todos esses eventos estava o sopro do Espírito Santo, que despontou no íntimo de Madre Cândida, o desejo de “procurar ajudar à salvação e perfeição do próximo educando-o cristãmente”. (Constituição das Filhas de Jesus, 1985, n.187)

Na vontade de cumprir os desígnios divinos, Madre Cândida encontrou na educação o seu modo próprio de amar e servir a Deus e aos irmãos, colocando a práxis evangélica como centro de seu desejo de fazer algo pela humanidade. Dessa maneira, é válido compreender que um carisma não é uma opção ou uma vontade meramente humana, mas um desejo colocado por Deus em cada coração. Madre Cândida recebeu a inspiração divina e agiu concretamente para colocá-la em prática, pelo bem dos demais e da Igreja.

A educação foi o instrumento evangelizador de Madre Cândida. Educar era a forma de dignificar a vida,



honrar a humanidade dos esquecidos e favorecer caminhos de transformação, para sociedades carentes de mudança social. Nada poderia ser mais ousado no contexto de Madre Cândida, assim como no nosso, do que educar para um processo de renovação, em que a vida estivesse no centro e a formação alcançasse a pessoa em sua integralidade, rompendo ideais de submissão e exploração.

Tendo essa compreensão, alguns pressupostos são cruciais para a nossa reflexão. O primeiro é de que





uma missão educativa é sempre uma ação educativa. Essa afirmação pode parecer algo óbvio, mas na conjuntura educacional atual, nem sempre é assim que acontece. Antes de qualquer nomenclatura, uma escola é sempre uma escola, e deve cumprir a missão de educar. Essa noção por si mesma já é evangelizadora em sua essência, pois ao reconhecermos o papel da escola como tal, podemos trilhar um caminho específico e orientado de educação, que não fuja do seu propósito. (Cf. Identidade da escola católica para uma cultura do diálogo, 2022, n.19)

O segundo pressuposto é de que a evangelização em uma escola católica se faz pedagogicamente. O instrumental para trabalhos evangelizadores específicos deve ser fornecido de maneira coerente e assertiva pela Igreja, nas suas inúmeras missões e contextos. Na escola católica, a Igreja evangeliza por meio e através da educação. A máxima “evangelizar educando e educar evangelizando” nunca foi mais verdadeira e necessária para as nossas reflexões no meio educacional católico, pois a missão pode se fragmentar, pois temos a tendência de acreditar que a evangelização e a educação são realidades distintas; quando na verdade, elas são complementares, pois o fato de instruir uma pessoa já é caminho evangélico de transformação, ainda mais, quando essa instrução está fundamentada pedagogicamente no modo de agir de Jesus.

Por fim, o último pressuposto está justamente consolidado no carisma. Vimos que uma escola precisa, antes de qualquer coisa, educar; uma escola católica necessita educar evangelizando; e uma escola da Rede Filhas de Jesus? Aí mora o nosso diferencial pedagógico-pastoral. Educamos com excelência, temos um trabalho consolidado de evangelização, mas além disso, fazemos ressoar a inspiração dada por Deus para Madre Cândida.

O carisma, na conjuntura da escola católica, é justamente o local privilegiado de uma educação personalizada, solidificada no evangelho, mas com traços específicos que nos diferenciam. (Cf.

“*A evangelização em uma escola católica se faz pedagogicamente.*”





Identidade da escola católica para uma cultura do diálogo, 2022, n.52) O ressoar carismático de uma escola católica precisa acontecer, antes de mais nada, no modo como a escola educa. Hoje, muitas teorias e metodologias se apresentam, porém, para uma escola com um carisma bem consolidado, nem tudo basta, é suficiente ou assimilável. Um processo de discernimento precisa acontecer, para que a escola não se perca ou esqueça daquilo que lhe é fundamental: a sua identidade carismática.

Tal identidade não tira o caráter educacional da instituição, nem se sobressai à sua catolicidade, mas une todas as coisas e possibilita um equilíbrio entre aquilo que a escola é, faz e pode inovar. Portanto, o carisma deve aparecer em todos os lugares, ser algo visível, mas também estar internalizado nos processos pedagógico, administrativo, financeiro e pastoral de um colégio.

Nesse sentido, não adianta a Pastoral estar enraizada no carisma, enquanto outro setor caminhar em uma direção oposta. Essas dicotomias, que podem acontecer, não saltam aos olhos em um primeiro momento, mas são captadas ao longo de um processo e vão gerando desencontros. O carisma deve ser caminho institucional, que leve todos ao mesmo fim, pelo mesmo trajeto e para os mesmos propósitos. (Cf. Educar juntos na escola católica: missão partilhada de pessoas consagradas e fiéis leigos, 2007, n. 4)

E de que forma o carisma pode ser um diferencial? Ele pode ser um diferencial à medida que ele impacta verdadeiramente a formação da criança e do

adolescente. E nesse sentido, mora a dúvida: como a nossa identidade carismática impacta os desdobramentos da vida daqueles que educamos? Como podemos saber que essa criança ou adolescente está crescendo intelectual, humana, religiosa, espiritual e moralmente com os valores que lhe são transmitidos? Essas respostas são complexas de serem dadas, mas algo é certo: a missão de Deus, desenvolvida por Madre Cândida, continua viva. Isso já é um forte indício de seu diferencial, que impactou e continuará impactando a vida de tantas gerações, por meio de uma educação cristã, centrada na pessoa e em clave positiva.

Referências Bibliográficas

FILHAS DE JESUS. Constituições das Filhas de Jesus. Roma, 1985.

CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA.

Instrução "Identidade da escola católica para uma cultura do diálogo" (25 de janeiro de 2022). Disponível em:

https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_20210125_istruzione-identita-scuola-cattolica_po.html. Acesso em: 28 abr. 2025.

Educar juntos na Escola Católica: missão partilhada de pessoas consagradas e fiéis leigos (8 de setembro de 2007). Disponível em:

https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_20070908_educare-insieme_po.html. Acesso em: 28 abr. 2025.

**Lucas
Costa Lemos**



Coordenador de Pastoral do IEI Campinas.
Formado em Teologia pela PUC-SP.
Especialista nas áreas de Teologia Contemporânea
e Educação Socioemocional e Projeto de Vida.
Graduando em Ciências Sociais pela USP.



Por uma Pastoral do Desejo

Desafios e encantos da ação pastoral com as juventudes

Colégio Imaculada Campinas

Quem são os jovens?

Um olhar plural e encarnado

Falar de juventude é, antes de tudo, reconhecer que não há uma única juventude. O plural, portanto, é indispensável: Juventudes.

O Estatuto da Juventude (Lei no 12.852/2013) define como jovens as pessoas entre 15 e 29 anos. Já o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (Lei no 8.069/1990) delimita a adolescência até os 18 anos. Contudo, para além da idade, as juventudes se configuram socialmente. A sociologia, a psicologia e as ciências médicas indicam etapas internas ao ciclo juvenil: jovens-adolescentes (15-17), jovens-jovens (18-24) e jovens-adultos (25-29).

Cada fase carrega buscas, inseguranças e potências próprias. Como afirma Helena Abramo, os jovens são um “retrato projetivo da sociedade” (ABRAMO, 1997, p. 29) que expressa as angústias, os medos, assim como as esperanças em relação ao presente e às possibilidades de futuro. Suas escolhas, valores e ausências dizem mais sobre os adultos e instituições que os moldam do que sobre eles mesmos. Nesse sentido, compreender a juventude é também

um exercício de autocompreensão social: espelhamo-nos nos jovens e, muitas vezes, rejeitamos neles aquilo que não queremos enxergar em nós mesmos - nossa insegurança, nossas contradições, nosso vazio de sentido.

Ao mesmo tempo, projetamos sobre eles utopias e cobranças que são incapazes de sustentar sozinhos. Por isso, o olhar pastoral e educativo sobre as juventudes precisa ser ao mesmo tempo crítico e compassivo: não para rotulá-los, mas para ouvi-los em profundidade, como sujeitos que revelam, com seus silêncios e clamores, o estado de saúde das estruturas familiares, eclesiais, educativas e políticas. Como diz Paulo Freire, “ninguém educa ninguém, ninguém se educa sozinho, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1992, p. 67). Logo, escutar as juventudes é também escutar o mundo e suas tensões; e nos educar, com humildade, por meio desse encontro.

O desafio geracional: encontro ou desencontros? Reencontros

É comum ouvirmos frases como “na minha época era diferente” ou “os jovens de hoje não querem nada”.

“Escutar as juventudes é também escutar o mundo e suas tensões; e nos educar, com humildade, por meio desse encontro.”



Esse tensionamento entre gerações é natural, pois cada uma quer afirmar seu legado. Mas será que o encontro precisa ser necessariamente conflituoso?

De encontros e desencontros entre as gerações, ocorridos em diferentes tempos históricos, um caminho saudável diante desse dilema e dos desafios do tempo presente seja, quem sabe, a estrada do reencontro.

Não se trata de uma tarefa fácil. A resposta passa por afinar as escutas; e escutar os jovens requer humildade e disposição para desfazer-se de mitos adultocêntricos, reconhecendo que cada experiência geracional é produzida em um contexto específico.

Entender o jovem é mergulhar em seu contexto: urbano ou rural, virtual ou presencial, periférico ou central, marcado por tensões étnico-raciais, de classe, gênero e orientação sexual. Cada jovem é também um território, um mapa que só se revela quando se caminha junto. A pergunta é: estamos de fato caminhando junto com os jovens? E mais: onde está a Igreja e as escolas católicas em relação a eles?

Juventudes, Igreja e escolas católicas

O Papa Francisco foi incisivo na exortação *Christus Vivit*: “A juventude não é algo que se possa analisar de forma abstrata. Na realidade, a ‘juventude’ não existe, existem jovens com suas vidas concretas” (FRANCISCO, 2019, no 71). Francisco enfatiza que é preciso mais do que propostas genéricas para

situações complexas: é preciso presença real, escuta paciente e espaço para narrar experiências.

Igualmente, insiste que evangelizar não é começar por doutrinas ou estruturas. O Documento de Aparecida (2005) corrobora em uma das citações trazidas das reflexões do antecessor de Francisco, o papa Bento XVI: “Não se começa a ser cristão por uma decisão ética ou uma grande ideia, mas por um encontro com uma Pessoa que dá novo horizonte à vida e, com isso, uma orientação decisiva” (DAp, 2005, no 12). Deste modo, evangelizar os jovens é oferecer-lhes experiências significativas, e não apenas informações, regras e doutrinas.

Da experiência ao sentido: espiritualidade e interioridade

Vivemos tempos em que a experiência autêntica tornou-se rara. Jorge Larrosa nos provoca: “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca” (LARROSA, 2019, p. 18).

As condições que dificultam a experiência hoje não são apenas externas; elas moldam o próprio modo de ser no mundo. Pensemos em algumas dessas condições:

a) O excesso de informação, que faz com que tudo seja superficial, transitório e líquido. O conhecimento não se sedimenta, apenas circula.

- b) O excesso de opinião que substitui o diálogo pela polêmica. Não se ouve para compreender, mas para rebater, cancelar, anular.
- c) A falta de tempo, que impede a maturação da escuta, do encontro, do luto, do amor. Tudo precisa ser imediato, até a fé.
- d) O excesso de trabalho e performance, sobretudo entre os mais pobres, o qual sufoca a alma. A sobrevivência ocupa o lugar do sentido. As atividades extracurriculares sobrepõem o ser, e a identidade juvenil se esvai.
- e) A lógica neoliberal e tecnicista que transforma pessoas em produtos, empobrecendo a espiritualidade e eliminando a gratuidade. Desta forma, os jovens adoecem, bem como seus pais e responsáveis, somando a uma sociedade do cansaço altamente medicada.

Nesse cenário, cultivar espaços de interioridade e de pausa se torna um ato profético. Lugares onde os jovens possam saborear o tempo, a Palavra, o silêncio, a partilha e a mística da vida cotidiana.

Provocações...

Em abril de 2024, através do apoio da Rede Filhas de Jesus, pude participar de uma formação da ANEC (Associação Nacional das Escolas Católicas) a partir do curso “Evangelificação das Juventudes” realizado



pela PastoLAB. Em uma das aulas, o jovem padre jesuíta Paulo Veríssimo nos trouxe questões muito profundas e agudas referentes ao nosso exercício como agente de pastoral escolar, as quais, tentarei transmitir a você leitor(a) em forma de provocações:

- a) Jesus, o jovem de Nazaré, ainda é uma referência real para os jovens de hoje? Ou se perdeu em imagens desbotadas e irreais?
- b) Quando evangelizamos, pensamos mais nos jovens ou em nossas instituições? Falamos do Evangelho ou das estruturas paroquiais e pastorais escolares?
- c) O que torna um jovem cristão hoje? Que sinais o identificam? Como temos lidado com as diversidades culturais e religiosas entre os/as jovens com os quais convivemos?
- d) Como escutamos seus sofrimentos, suas angústias, seus corpos cansados? Ou achamos que os jovens não sofrem, e que suas queixas não passam de “mimimi”?
- e) Há espaço para o silêncio e o choro em nossas pastorais? Nas diferentes formas de aproximação dos/das jovens entre si, o que os têm conectado? Consigo identificar?

Por uma Pastoral do Desejo de Deus

Definitivamente, a pastoral com juventudes precisa ser mais do que estratégia, agenda ou estrutura: precisa ser um espaço espiritual de escuta do desejo de Deus escondido no coração dos jovens. Como disse o Papa Francisco, “é necessário reconhecer nos jovens o desejo de Deus” (FRANCISCO, 2019, no 84).

Essa afirmação tem profundas implicações pastorais. Exige dos agentes - educadores, catequistas, religiosos - sabedoria para escutar além das palavras, discernimento para reconhecer os sinais de Deus no cotidiano juvenil, e coragem para acompanhar caminhos nem sempre claros, retos ou eclesialmente “seguros”.

Como bem salienta o jesuíta Benjamim G. Buelta, trata-se da “mística dos olhos abertos”; e acrescento:

“dos ouvidos e demais sentidos abertos, onde Deus se faz presente em tudo, até naquilo que aparentemente pensamos não estar.”
(LIMA JUNIOR, 2018, p. 75).

A Pastoral do Desejo de Deus é aquela que parte da confiança de que Deus já está agindo na vida de cada jovem, mesmo (e talvez especialmente) nos momentos de silêncio, dúvidas, protestos, lágrimas ou rebeldias. Não se trata de “levar Deus” até eles, mas de ajudar a nomear, interpretar e cuidar do que Deus já está fazendo neles. Como os discípulos de Emaús, caminhamos com eles até que seus olhos se abram; e os nossos também.

O poeta e cardeal português José Tolentino Mendonça, nos recorda que Deus se revela não apenas no extraordinário, mas no instante presente, nos gestos mais simples e inesperados.

A mística do instante nos reenvia, assim, para o interior de uma existência autêntica, ensinando a tornamo-nos realmente presentes: a ver em cada fragmento o infinito, a ouvir o marulhar da eternidade em cada som, a tocar o impalpável com os gestos mais simples, a saborear o esplêndido banquete daquilo que é ligeiro e escasso, a inebriar-nos com o odor da flor sempre nova do instante. (MENDONÇA, 2016, p. 36).

Essa mística cotidiana é fundamental na pastoral com as juventudes. Quando acolhemos um jovem ferido, ou quando celebramos uma vitória sua, ou escutamos sua playlist, ou damos um abraço demorado, ou



permanecemos em silêncio junto a ele; tornamo-nos pastores do instante, cuidadores do invisível.

A pastoral que acreditamos é aquela que esperança (do verbo esperar) com os jovens. Que caminha com eles oferecendo-lhes presença, escuta e horizonte. Que aposta na poesia do Evangelho, que crê que “o Reino de Deus é como uma semente” (Mc 4, 26), pequena, silenciosa, mas cheia de promessas de potências de vida.

Conclusão

Evangelizar as juventudes é caminhar com elas! Acho que isso ficou claro a partir da analogia com os





discípulos de Emaús (Lc 24, 13-25). É testemunhar que Deus não é um conceito, mas um encontro; que a fé não é fórmula, mas travessia; que a Igreja não é muro, mas casa.

A pastoral juvenil é chamada a ser profética e poética, realista e utópica, acolhedora e transformadora, amorosa e firme. Uma pastoral que oferece tempo, corpo, chão e cuidado. Que respeita os silêncios dos jovens, mas também os convida a sonhar, a partilhar, a buscar mais. Que as nossas escolas e comunidades sejam, enfim, espaços de experiência, pertença e esperança ativa. E que sejamos capazes de olhar cada jovem como mistério em movimento, onde Deus habita e deseja ser revelado.

Referências Bibliográficas

ABRAMO, Helena. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. In: Juventude e contemporaneidade. Revista Brasileira de Educação, número especial. SP: ANPED, 1997.

BÍBLIA. Bíblia Sagrada. São Paulo: Edições CNBB, 2018.

BRASIL. Lei no 12.852, de 5 de agosto de 2013. Estatuto da Juventude. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2013.

BRASIL. Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 1990.

BUELTA, Benjamin. Ver ou perecer - Mística de olhos abertos. Rio de Janeiro/São Paulo. Ed. PUC-Rio/Loyola, 2012.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). Documento de Aparecida: Documento conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. São Paulo: Paulinas, 2007.

FRANCISCO, Papa. Christus Vivit: Exortação Apostólica Pós-Sinodal aos jovens e a todo o povo de Deus. São Paulo: Paulinas, 2019.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

LARROSA, Jorge. Tremores: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

LIMA JUNIOR, Pedro Barbosa. O leitor e o exercitante diante do mundo do texto: uma aproximação entre a filosofia hermenêutica de Paul Ricoeur e os Exercícios Espirituais de santo Inácio de Loyola. 2018. 115f, Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas-SP, 2018.

MENDONÇA, José Tolentino. A mística do instante: o tempo e a promessa. São Paulo: Paulinas, 2016.

Pedro Barbosa Lima Junior



Professor de Ensino Religioso do Instituto Educacional Imaculada (Campinas-SP): Fundamental Anos Finais e Ensino Médio. Foi agente de pastoral na mesma instituição por 3 anos. Graduado em História (UFJF). Mestre em Ciências da Religião (PUC-Campinas). Especialista (lato sensu) em Juventudes pela Universidade Católica de Pernambuco (Unicap). Doutorado interrompido em Teoria e História Literária (Unicamp).

Discernir e Acompanhar

Uma Leitura Espiritual da Atuação de Cândida Maria de Jesus na Educação

Rede Filhas de Jesus

Vivemos tempos de rápidas transformações, marcados por crises culturais, desigualdades sociais e pela fragmentação das referências éticas e espirituais. Nesse cenário, a educação tem sido desafiada a reinventar-se, não apenas em seus conteúdos e métodos, mas principalmente em seu sentido mais profundo: a formação integral da pessoa. Nesse horizonte, o discernimento aparece como um caminho de escuta, leitura crítica da realidade e tomada de decisão enraizada em valores. Mais que um exercício espiritual restrito à vida religiosa, o discernimento é aqui compreendido como modo de proceder pedagógico e ético, profundamente conectado aos processos educativos.

A tradição educativa das Filhas de Jesus, fundada por Cândida Maria de Jesus, oferece uma inspiração transformadora para compreender esse horizonte. Marcada pela espiritualidade inaciana, a proposta pedagógica pastoral inspirada por Cândida Maria de Jesus nasce no coração de um contexto social complexo e injusto, onde a educação aparece como um instrumento de esperança e transformação. Sua convicção de que “a experiência de Deus acontece na vida real e cotidiano faz com que sua atuação

educativa valorize profundamente o acompanhamento espiritual como forma de cuidado integral com o ser humano.

Esse acompanhamento, longe de ser um ato isolado ou puramente devocional, é expressão de uma educação humanizadora, centrada na escuta, na sensibilidade e na personalização dos processos formativos. Trata-se de um compromisso com a singularidade de cada pessoa: seus sonhos, limites, contextos e possibilidades. Em um tempo em que, como analisa Ballarín (2001), a educação feminina era moldada por normas sociais rígidas e voltada à conformação ao espaço doméstico, a valorização da interioridade e da liberdade, presente na inspiração educativa de Cândida Maria de Jesus, revela-se profundamente contracultural. Acompanhamento, aqui, é presença que acolhe, escuta que transforma, vínculo que educa.

Cândida Maria de Jesus viveu o acompanhamento espiritual desde sua juventude, e ao fundar a Congregação, seu modo de acompanhar revelou-se transformador na sua missão como educadora espiritual atenta à interioridade das primeiras Filhas de

Jesus e das jovens que educava.

Suas cartas revelam traços de profunda sensibilidade, firmeza e ternura, numa postura que entrelaça afeto e formação, fé e vida, espiritualidade e atuação educativa. Como aponta Pécora (2018), a escrita epistolar pode ser compreendida como espaço de escuta e elaboração subjetiva. Nesse sentido, as cartas escritas por Cândida Maria tornam-se também mediações pedagógicas pastorais de cuidado, discernimento e presença.

O texto *Nosso Modo Próprio de Educar (NMPE)*, das Filhas de Jesus, expressa com profundidade essa herança carismática ao propor uma educação que une espiritualidade, formação humana e compromisso com a transformação do mundo. Nesse contexto, o acompanhamento espiritual é parte constitutiva da ação educativa, pois promove o discernimento, favorece a maturação da fé, desperta o protagonismo e ajuda cada pessoa a encontrar seu próprio caminho com liberdade e responsabilidade.

Esse modo de educar supõe uma presença comprometida: o educador não é apenas transmissor de saberes, mas companheiro de jornada, alguém que caminha com o outro e acredita em sua capacidade de crescer. O acompanhamento espiritual não se reduz a encontros formais, mas se manifesta na convivência, no cuidado cotidiano, na partilha de vida, nos pequenos gestos de atenção e no exercício contínuo de escuta ativa.

Em um tempo que o relatório Unesco (2022) reconhece como marcado por uma “emergência educativa”, o exemplo de Cândida Maria de Jesus ressoa como sinal profético. Seu modo de acompanhar revela que espiritualidade e pedagogia não são esferas separadas, mas dimensões que, quando integradas, potencializam uma educação mais humana, relacional e transformadora.

Essa atenção à interioridade e ao crescimento integral, fundamentada na espiritualidade inaciana, naturalmente conduz à prática do discernimento espiritual, um elemento central para orientar as escolhas educativas com sabedoria e responsabilidade. Domínguez (2010) destaca que o

acompanhamento espiritual e o discernimento são dois eixos essenciais da espiritualidade inaciana, compreendidos como práticas de escuta profunda, liberdade interior e compromisso com a transformação da realidade. Esses elementos, quando integrados à tradição educativa das Filhas de Jesus, iluminam o caminho para uma pedagogia centrada na pessoa, na busca do bem maior e na confiança na possibilidade de transformação.

O discernimento, como aponta Libânio (2000), é uma forma de espiritualidade, de oração, de busca da vontade de Deus que só aparece no final do processo, ainda que desde o início esteja presente sob a forma de impulso, provocação. Isso significa que a escuta profunda da realidade, iluminada pela fé e pelo compromisso com a justiça, é condição para tomar decisões verdadeiramente educativas. Para Libânio, discernir implica entrelaçar o passado, o presente e o futuro em um único ato: acolher a tradição, ler criticamente o presente e projetar com responsabilidade um novo futuro.

Essa perspectiva encontra profunda ressonância na pedagogia de Paulo Freire, que entende a educação

“A educação tem sido desafiada a reinventar-se, não apenas em seus conteúdos e métodos, mas principalmente em seu sentido mais profundo: a formação integral da pessoa.”

como prática de liberdade e aposta na capacidade dos sujeitos de ler o mundo e reescrevê-lo com consciência crítica. Discernir, nesse sentido, é também agir politicamente: é escolher caminhos à luz de valores éticos e humanitários, é resistir às opressões e manter viva a esperança. O discernimento se torna, assim, critério ético-pedagógico para o educador que deseja ser presença transformadora em contextos de crise e exclusão.

Discernir, neste itinerário, é permitir-se ser interpelado pela realidade, acolher os sinais de Deus nos acontecimentos e assumir o compromisso de colaborar com a construção de um mundo mais justo, solidário e fraterno. O acompanhamento espiritual e o discernimento experimentado por Cândida Maria de Jesus é, portanto, uma resposta pedagógica pastoral profundamente atual: promove o cuidado, sustenta a esperança e fortalece a dignidade de cada pessoa. O critério da autenticidade do discernimento passa, portanto, pela prova da realidade no sentido de saber acolher a voz de Deus nos acontecimentos.

Nas cartas analisadas, vemos que se trata de uma experiência de discernimento vivida desde a fé e fortemente enraizada nas experiências humanas, divinas e do contexto histórico, uma unidade entre todos nos assuntos que se experimentaram como atuação de Deus nos acontecimentos concretos. Encontramos toda a trajetória de vida de Cândida Maria de Jesus neste processo, bem como sua obra, que a cada tempo necessita de uma adaptação ao contexto histórico, cultural e religioso.

Nesse itinerário, para Libânio (2000), o discernimento é entrelaçar em um ato único as três dimensões do passado, presente e futuro. No passado, retomando como sinais de Deus o que já aconteceu, a tradição, a codificação humana, os dados já acumulados até o presente. Presente por saber que o passado não esgota as possibilidades de Deus, nem o limita e muito menos o determina, de modo que o presente pode ser confirmação, ruptura ou novidade; e futuro porque ele se orienta para a ação a ser posta, uma história a ser criada. Esse itinerário de discernimento espiritual, portanto, implica como pressuposto uma atenção especial no processo educativo.

A recepção feminina da espiritualidade inaciana vivida por Cândida Maria de Jesus oferece pistas significativas para pensar o discernimento como um modo de ler a vida e responder a ela com generosidade, confiança e liberdade interior. Suas cartas e atitudes mostram uma mulher profundamente atenta à ação de Deus no cotidiano e à escuta das pessoas ao seu redor, especialmente das mais vulneráveis. Essa espiritualidade se traduz, no



campo da educação, em uma prática pedagógica pastoral centrada na pessoa do educando, na busca do bem maior e na confiança na possibilidade de transformação.

Essa proposta convida educadores e educadoras a repensarem sua prática à luz de uma espiritualidade encarnada, capaz de transformar a escola em um espaço de sentido, encontro e missão.

Como nos ensina Cândida Maria de Jesus, educar é antes de tudo amar e confiar, discernir e acompanhar, cultivar e libertar. É formar pessoas inteiras, com coragem para escutar o coração e sabedoria para responder com liberdade.

Referências Bibliográficas

BALLARÍN, P. D. *La educación de la mujer española en el siglo XIX.* Madrid: Editorial Síntesis, 2001.

DOMINGUEZ, Luís Maria Garcia. *La entrevista en los ejercicios espirituales.* [S.l.]: Editorial Sal Terrae, 2010.

FILHAS DE JESUS. *Nosso modo próprio de educar.* Belo Horizonte: [S.n.], 1994.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade.* São Paulo: Paz e Terra, 1967.

LASO, De Juana Josefa Cipitria a Cándida María de Jesús. *Salamanca:* Congregación de las Hijas de Jesús, 1978.

LIBÂNIO, João Batista. *O discernimento espiritual revisitado.* Loyola: São Paulo, 2000.

LUCIA, Teresa. *Madre Cándida Maria de Jesus: Cartas I (1872-1901) e Cartas II (1901-1912).* Madrid: [S.n.], 1983.

PÉCORÁ, Alcir. *Máquina de gêneros.* São Paulo: Edusp, 2018.

UNESCO. *International Commission on the Futures of Education. Reimaginar nossos futuros juntos: um novo contrato social para a educação.* Brasília: Comissão Internacional sobre os Futuros da Educação, UNESCO; Boadilla del Monte: Fundación SM, 2022. Disponível em: <<https://bit.ly/49z1hpG>>. Acesso em: 10 nov. 2024.



Patrícia
Helena Coimbra

Religiosa Filhas de Jesus
Teóloga e Mestra em Ciências da Religião/Doutoranda PUC - Campinas.
Professora de Ensino Religioso e Gestora Pastoral das escolas
Filhas de Jesus de São Paulo

#nossosvalores

- Fé em Jesus e Adesão à sua Mensagem
- Acolhida
- Alegria
- Cultura da Justiça e da Paz
- Solidariedade
- Diálogo e Reciprocidade
- Discernimento
- Trabalho em Equipe
- Motivação e Estímulo
- Simplicidade e Proximidade
- Sentido de Igreja
- Sustentabilidade

A prática de leitura no Ensino Médio

Um direito negligenciado e sua urgência na formação humana

Colégio Imaculada Campinas

A 6ª edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (2024) revela um dado alarmante: 53% dos brasileiros não leram nenhum livro - nem mesmo parcialmente - nos três meses anteriores à pesquisa. Pela primeira vez na série histórica, a maioria da população não lê, e o país perdeu 7 milhões de leitores entre 2020 e 2024. Diante desse cenário, cabe perguntar: qual o papel da escola na reversão desse quadro?

Nós, professoras de redação das turmas do Ensino Médio do colégio Imaculada Campinas, pensamos ser fundamental assumir a responsabilidade de não só

aprimorarmos o repertório sociocultural de nossos alunos por meio da leitura, como também de nos envolvermos nesse processo tão negligenciado em uma sociedade regida pelo imediatismo, em que o conhecimento se esvai em cliques de 15 segundos.

Assim, este artigo pretende discutir a importância da leitura contínua ao longo de todo processo escolar, apontar fatores que contribuíram para seu declínio e relatar uma experiência pedagógica com as obras Pequeno Manual Antirracista, Djamilia Ribeiro (1ª série), Futuro Ancestral, Ailton Krenak (2ª série) e 1984, George Orwell (3ª série), lidas coletivamente em sala de aula.

A leitura como direito universal e a crise brasileira

Antonio Candido, em O Direito à Literatura (1988), defende que a literatura é uma necessidade humana básica, tão vital quanto a alimentação ou a moradia. Para ele, a fabulação - a capacidade de criar e consumir narrativas - é inerente à condição humana e

“Esperançar também é ensinar a ler o mundo, o qual tantas vezes tem seu diálogo anulado pelos monólogos de posts e algoritmos que nos mantêm em bolhas.”



nos permite compreender a realidade e a nós mesmos. No entanto, a pesquisa do Instituto Pró-Livro expõe um Brasil que nega esse direito a milhões de pessoas. Entre os fatores que explicam essa queda estão, principalmente, a concorrência com tecnologias digitais (redes sociais e algoritmos que reduzem a capacidade de concentração) e abandono pedagógico (as escolas, durante os anos finais da educação, costumam tratar a leitura como atividade pontual, não como prática de sala de aula).

Podemos afirmar que esse abandono da leitura em sala de aula é fruto de um sistema educacional conteudista, que privilegia o sucesso acadêmico dos alunos (medido pelo número de ingressantes nas principais universidades do país) em detrimento da formação de leitores capazes de interpretar o mundo e transformá-lo através da palavra.

Se a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reforça a urgência de reverter essa lógica ao incluir, para o Ensino Médio, habilidades como "analisar criticamente textos literários" e "reconhecer a literatura como expressão estética e política", como implementar isso no contexto de Ensino Médio sem uma leitura frequente?

Para iniciarmos a resposta a essa questão, partimos do pressuposto de que a regularidade é fundamental para a construção de um sujeito leitor. Entretanto, Paulo Freire, em seu "A importância do ato de ler", faz questão de sinalizar que é inútil cobrar do aluno a leitura de uma quantidade imensa de livros e de textos. Para ele, esse tipo de estratégia revela uma compreensão errônea do ato de ler, visto que, nesse contexto, as obras são "muito mais 'devoradas' do que realmente lidas ou estudadas" (pior: sabemos que muitos de nossos alunos não leem na íntegra os livros solicitados, buscando resumos e vídeos de análise das obras na internet). Assim, como fazer com que a leitura se torne um hábito na vida dos estudantes e não uma atividade maçante e frequentemente burlada?

Talvez o mesmo Paulo Freire já tenha nos apontado o caminho, ao afirmar que "a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de 'escrevê-lo' ou de 'reescrevê-lo', quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente". Ou seja, a leitura está diretamente ligada

a uma subjetividade, que é o olhar do sujeito sobre a realidade a sua volta, em contato com o olhar do outro, num processo de alteridade, que faz com que as reflexões permitam ao sujeito leitor se posicionar frente às questões do mundo.

A compreensão desse processo é fundamental para trazer para a sala de aula atividades de leitura que sejam realmente significativas. Ora, estamos lidando com adolescentes que passam boa parte de seu dia em frente às telas, assistindo a vídeos curtos, lendo e fazendo postagens em redes sociais, num mundo que parece ter se tornado muito mais atrativo do que os livros. Boa parte dos nossos alunos tem sua leitura do mundo feita a partir daquilo que absorvem das telas. Por isso, a leitura da palavra será mais significativa à medida que seja possível estabelecer um vínculo entre esses dois mundos: o do sujeito e o da palavra.

Acreditamos, assim, que a função do professor esteja exatamente em evidenciar esse vínculo. Daí a necessidade de práticas de leitura na sala de aula. Ler em conjunto, propor reflexões, ouvir o que os alunos têm a dizer.

De acordo com Paulo Freire, a esperança não é passiva ("esperar"), mas uma operação dialética de transformação. Desse modo, podemos afirmar que esperar também é ensinar a ler o mundo, o qual tantas vezes tem seu diálogo anulado pelos monólogos de posts e algoritmos que nos mantêm em bolhas (personalização excessiva que limita o contato com diferentes perspectivas e reforça crenças pessoais). Para Freire, a palavra escrita só faz sentido se conectada a uma leitura prévia do mundo (gestos, imagens, afetos, culturas, contradições...). Por isso, acreditamos ser tão importante a leitura conjunta em sala de aula: ela nos proporciona uma relação constante com a leitura de mundo, conduzida pela(s) professora(s) e relacionada à vivência dos alunos e à realidade em que estão inseridos.

A Experiência em Sala de Aula: livros por série e leitura coletiva

Em resposta a essa questão e mobilizadas tanto pelo resultado da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (2024) quanto pela necessidade de resgatar nos alunos o prazer e a importância da leitura,

desenvolvemos, neste ano, um projeto com três obras literárias, uma para cada série do ensino médio:

- **1ª série: Pequeno Manual Antirracista (Djamila Ribeiro)** - Discussão sobre racismo estrutural, branquitude, privilégios e ação cotidiana. Evidencia como a neutralidade diante do racismo perpetua desigualdades e oferece ferramentas para desconstruir o racismo com gestos simples. Tal questão se mostra extremamente relevante na atualidade, em que grupos de ódio se multiplicam nas redes sociais e atingem facilmente nossos adolescentes.

- **2ª série: Futuro Ancestral (Ailton Krenak)** - Reflexão sobre ecologia e como saberes ancestrais são fundamentais para construirmos um futuro diferente do futuro a que estamos caminhando. Enquanto o capitalismo fala em "sustentabilidade verde", Krenak lembra que os povos originários já sabem viver sem destruir e propõe que ouçamos os saberes indígenas ao invés de confiarmos apenas em "inovações" destrutivas. A obra se relaciona diretamente à atual Campanha da Fraternidade "Fraternidade e Ecologia Integral", tema amplamente trabalhado em nossa escola por diferentes disciplinas.

- **3ª série: 1984 (George Orwell)** - Análise de governos autoritários e vigilância na era digital. Se, na obra, o "Grande Irmão" controla a população via telas, hoje nós mesmos fornecemos nossos dados a empresas e governos, acreditamos em fake news fabricadas em massa para manipular a população e ecoamos os discursos de ódio simplificados e normalizados nas redes sociais.

Metodologia

Solicitamos os livros na lista de material 2025 de cada série. Na primeira semana de aula, explicamos aos alunos que faríamos uma leitura conjunta, em classe. O alívio foi geral. Muitos deles verbalizam que, se fosse uma leitura para fazer em casa, não a fariam. Marcamos uma data para início da leitura. Todos deveriam estar com seus livros em mãos.

A leitura é feita em voz alta e compartilhada em sala, com pausas para explicações e comentários, como contextualização histórica, links com questões atuais

e outras referências. Com as 1as séries, intercalamos a leitura dos três primeiros capítulos do livro da Djamila com o filme Corra! , suspense criado durante a ascensão do movimento Black Lives Matter (Vidas Negras Importam) que traz uma metáfora sobre o racismo e cuja narrativa expõe privilégios brancos e contrastes sociais. O filme obteve grande sucesso entre os alunos e enriqueceu bastante as nossas discussões em sala de aula.

Além disso, após lermos os capítulos iniciais de cada obra, montamos uma proposta de redação modelo Unicamp para as turmas, para que cada série pudesse utilizar o conteúdo da leitura como repertório da produção textual.

O que notamos até o momento (lembrando que os livros serão lidos e trabalhados ao longo do ano) é que os alunos têm apreciado nossas aulas de "leitura guiada", prezam por esse momento em classe e demonstram ter ciência da importância da leitura. Nosso projeto, ainda em construção, tem sido prova de que quando a leitura é contínua, dialógica e plural, ela pode transformar a percepção que nossos jovens têm dos livros.

Por que a escola não pode abandonar a leitura?

A pesquisa Retratos da Leitura e a BNCC deixam claro: a escola é a última trincheira para formar leitores em um país onde a literatura virou privilégio. Acreditamos que nosso projeto - ainda em andamento - mostra que é possível resgatar o prazer da leitura mesmo no Ensino Médio, desde que ela seja contínua (não apenas em "projetos esporádicos"), dialógica (com mediação que relacione texto e mundo) e plural (incluindo vozes diversas - como autores negros e indígenas).

Se, como diz Candido, a literatura nos humaniza, negá-la aos jovens é condená-los a uma vida de



pensamento raso e emancipação adiada. A escola não pode ser cúmplice desse apagão.

Portanto, acreditamos que este artigo seja um chamado à ação. A leitura no Ensino Médio não pode ser um "extra", pois é condição para uma sociedade menos desigual e mais crítica. Condição para esperarmos um "futuro possível", como bem aponta Krenak em seu livro "Futuro Ancestral". Assim, nós, professoras do Ensino Médio do Imaculada Campinas, seguimos tecendo esperanças: se a escola é a última trincheira, que ela seja também - e fundamentalmente - um espaço afetivo de resistência, onde cada livro lido, cada diálogo literário e cada voz marginalizada incluída no currículo sejam sementes de um futuro mais justo.

Referências Bibliográficas

BLAZKO, Priscila. "Educador. Educa a dor. Um ensaio sobre a importância do estudo de psicanálise para a (re)construção do sujeito-aluno". Publicado em:

<https://www.comciencia.br/educador-educa-a-dor-um-ensaio-sobre-a-importancia-do-estudo-de-psicanalise-para-a-reconstrucao-do-sujeito-aluno/>

BNCC (2018). Habilidades de Linguagens para o EM.

CANDIDO, Antonio. O Direito à Literatura (1988). In: Vários escritos. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul / São Paulo: Duas cidades, 2011.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

Instituto Pró-Livro. Retratos da Leitura no Brasil (6ª ed., 2024). In: https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2024/11/Apresentac%CC%A7a%CC%83o_Retratos_da_Leitura_2024_13-11_SITE.pdf
<https://bncc.novaescola.org.br/conteudo/21657/qual-e-o-papel-da-escola-na-formacao-de-leitores>

<https://novaescola.org.br/bncc/conteudo/42/como-trabalhar-as-quatro-praticas-de-linguagem-previstas-na-base>

<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2024/11/19/o-brasil-que-le-menos-pesquisa-aponta-que-pais-perdeu-quase-7-milhoes-de-leitores-em-4-anos-veja-raio-x.ghtml>



Priscila Blazko

Graduada em Letras e Linguística pela Unicamp e pós-graduada em Análise do Discurso também pela Unicamp, é professora de redação há mais de 20 anos e está nesta função no colégio Imaculada Campinas desde 2019.



Tatiane Artioli

Mestre em Teoria e História Literária pela Unicamp e formada em Letras também pela Unicamp, é professora de redação do ensino médio há mais de 20 anos e está nesta função no colégio Imaculada Campinas desde 2020.

Biblioteca escolar

Um espaço de acolhimento e escuta

Centro de Serviços Compartilhados

Quando pensamos em biblioteca escolar, logo lembramos dos livros, do silêncio, do saber. Entretanto, a biblioteca também pode ser um lugar de acolhimento, escuta ativa, de cuidado e respeito à diversidade humana. Em um mundo cada vez mais acelerado e exigente, a biblioteca se apresenta como espaço de refúgio e pertencimento, onde os alunos podem ser ouvidos e descobrir, por meio das histórias, novas maneiras de ver o mundo - e a si mesmos.

O papel social e afetivo da biblioteca

O espaço da biblioteca precisa ser acolhedor não apenas fisicamente, mas também emocionalmente. Para muitos estudantes, especialmente os que vivem situações de vulnerabilidade social, este pode ser o único lugar na escola onde se sentem escutados e respeitados. A biblioteca, como parte viva do processo educativo, deve incorporar a escuta sensível, abrindo espaço para que alunos expressem suas emoções, dúvidas e sonhos.

Escutar é também educar

O ato de ouvir é fundamental para estabelecer conexões e promover a autoconfiança dos alunos. A escuta ativa é uma prática defendida por autores como Freire (1996), que afirma - “é escutando que se aprende a falar” - ou seja, a aprendizagem



GRANT SNIDER (AFTER RUDINE SIMS BISHOP)

significativa só ocorre em ambientes com contexto de diálogo, nos quais o indivíduo se vê como integrante desse processo.

Na biblioteca escolar, essa escuta pode se concretizar em momentos simples, como uma conversa durante o empréstimo de livros, uma roda de leitura com espaço para partilhas, ou uma oficina de escrita livre, onde o aluno possa colocar no papel o que sente.

Livros que acolhem e abraçam

A pesquisadora Rudine Sims Bishop propôs a ideia de que os livros funcionam como espelhos, janelas e portas deslizantes. Eles podem refletir nossa própria realidade, nos mostrar outras experiências humanas

“Em um mundo cada vez mais acelerado e exigente, a biblioteca se apresenta como espaço de refúgio e pertencimento, onde os alunos podem ser ouvidos e descobrir, por meio das histórias, novas maneiras de ver o mundo - e a si mesmos.”





ou nos convidar a entrar em novos mundos. Na biblioteca escolar, é essencial oferecer obras que representem a diversidade de vivências, sentimentos e contextos sociais.

Ao selecionar livros que abordam temas como emoções, identidade, relações familiares, bullying ou amizade, a bibliotecária atua como uma mediadora do acolhimento. É a literatura cumprindo sua função formadora e humanizadora, como já defendia Antonio Candido ao afirmar que o acesso à literatura é um direito fundamental, pois, nos torna mais sensíveis à dor e à alegria dos outros.

Há muitos livros que trabalham o acolhimento de forma delicada e poética. Aqui vão algumas sugestões:

- **"O que cabe no meu mundo? - Respeito" (Katia Trindade)** - Trabalha o respeito pelas diferenças com linguagem acessível e imagens envolventes.
- **"Tudo bem ser diferente" (Todd Parr)** - Um livro colorido e direto, que valoriza a diversidade e o amor próprio.
- **"A parte que falta" (Shel Silverstein)** - Uma metáfora sobre autoconhecimento e relações saudáveis.

- **"Menina bonita do laço de fita" (Ana Maria Machado)** - Fala sobre identidade, beleza e carinho familiar.
- **"Extraordinário" (R. J. Palacio)** - Um romance sobre empatia, gentileza e inclusão.
- **"O livro dos abraços" (Eduardo Galeano)** - Poético, sensível e ótimo para rodas de conversa.
- **"Confissões de um vira-lata" (Orígenes Lessa)** - Fala de autoestima, diferenças e acolhimento com muito bom humor.

Práticas de acolhimento na biblioteca

A exemplo do (NMPE, nº105, p.43) sobre a simplicidade e a proximidade - "relações que criam um ambiente cordial, de proximidade e de confiança mútua, buscando espaços para a comunicação e o diálogo aberto e sincero." - algumas ações concretas podem ser aplicadas na biblioteca escolar com base em experiências práticas da ação humanizada:

- Criar espaços aconchegantes, com mensagens acolhedoras. Por exemplo: um painel intitulado *"Como você está hoje?"*: com carinhas, emojis ou cartões coloridos para expressar o humor do dia;
 - Desenvolver caixas de escuta, onde os alunos possam escrever bilhetes anonimamente;
 - Promover rodas de leitura e partilha emocional com as turmas;
 - Estimular a escrita de diários, cartas ou poesias como formas de expressão;
- Articular com professores e equipe pedagógica um olhar atento e coletivo para alunos em sofrimento emocional.



**Tamires
Silva Ribeiro**

Bibliotecária da Rede Filhas de Jesus.
Graduada em Biblioteconomia e pós graduanda
em Gestão de Bibliotecas Escolares

Educar para a compaixão

O que nos ensina a parábola do Bom Samaritano?

Colégio Imaculada Campinas

No texto do evangelista Lucas, numa primeira leitura, vemos uma pessoa ferida, caída ao chão, impotente frente à agressão que sofrera. Passam por ela três transeuntes e cada um responde ao que vê a seu modo. Nessas respostas, nos vemos a nós: ora indiferentes, ora apressados por outras prioridades, ora sensibilizados e compassivos.

Atentemo-nos a essa terceira resposta para lançarmos luz sobre as outras duas.

O que mobilizou o terceiro viajante a parar? Teria sido a empatia?

Empatia é a capacidade cognitiva de sentir o que sentiria outra pessoa, caso estivesse na mesma situação vivenciada por ela. É tentar compreender sentimentos e emoções, procurando entender o que sente outro indivíduo. (in Enciclopédia de significados). Essa leitura da situação, na passagem bíblica referida, certamente ocorreu por parte dos três viajantes. Era impossível não se atentarem para o fato de que tinham diante de si uma pessoa ferida. O que se observa, então num segundo olhar é que, a empatia é um ingrediente importante quando se pensa no acolhimento ativo da dor do outro, mas o fator determinante para a mobilização na direção do outro tem outro nome: é a compaixão.

A compaixão, esta sim, é a capacidade de, diante da evidência de uma dor que é do outro, mobilizar recursos internos e ações para acolher, cuidar e ajudar esse alguém. E é essa virtude que buscamos, nas vivências escolares, reconhecer e desenvolver, tendo em vista a construção da sociedade justa e fraterna sonhada por nossa fundadora, Santa Cândida.

Em que momentos essa virtude é experimentada por nossas crianças em nosso dia a dia na escola?



“*Vida não é tempo que passa, mas tempo de encontro.*”
(FT - 66) Papa Francisco

Sabemos que é justamente no espaço escolar que nossas crianças experimentam diversas situações que os colocarão em contato com emoções das mais variadas: sabores e dissabores decorrem do convívio em comunidade ampliada, para além do ambiente familiar, uma vez que é na escola que o diferente se evidencia, ocasionando confrontos e conflitos, frente aos quais é tarefa conjunta, da escola e da família, desenvolver repertório para o enfrentamento e busca de soluções conciliatórias, reparadoras e integradoras. Essas ações, numa visão mais aprofundada, são fundantes de valores que se consolidam, ao longo dos anos, em virtudes estruturantes, moduladoras de comportamentos éticos. Vejamos duas oportunidades:

1- Conflitos e/ou confrontos: diante dessas situações, a primeira ação na escola é sempre o diálogo. Buscar entender as forças que motivaram aquele comportamento ajuda a pensar, junto com os envolvidos, em outras estratégias que poderiam ser usadas para resolver aquela mesma situação. Nomear essas estratégias ajuda a desenvolver repertório, que será evocado em um próximo desentendimento. Porém, mais do que adequar a linguagem expressa, é preciso sensibilizar aquele que ofende para o sentimento provocado no ofendido. Olhando nos olhos do que sofre, promovemos o reconhecimento da pessoa que foi "objetificada" no momento do xingamento ou da ofensa.



2 - Isolamento e exclusão: diante dessa situação, procuramos sensibilizar para a acolhida, buscando estratégias para a leitura do sofrimento do outro e para promoção da proximidade entre os envolvidos.

E em família? Como promover o sentido de compaixão frente a adversidades trazidas por nossos filhos?

É sempre muito importante a escuta de nossas crianças, que certamente nos chega, em casa, carregada das emoções experimentadas. Há que se considerar, entretanto, que todo fato requer a leitura e entendimento dos diferentes ângulos e perspectivas. Nesse sentido, procurar a escola é sempre muito importante porque confere aos nossos filhos o sentimento de segurança, pela confiança depositada na responsabilidade compartilhada com a instituição.

Para além dessas ações, como família, há um exercício muito mais desafiador que precisa ser feito quando se decide educar para a compaixão: o nosso olhar de pais compassivos para com a outra criança que tenha agido de maneira ofensiva para com o nosso filho. Há uma fragilidade nesse outro que o limita em sua expressão de sentimento e que também requer de nós, adultos, uma postura de cuidado. Abraçar e acolher nosso filho é fundamental, mas tenhamos o cuidado de endereçar esse abraço a esse filho, sem, contudo, depreciar o outro.

Buscar a ajuda da escola, verbalizando os desafios experimentados por nossos filhos é abertura para diálogo e construção conjunta de valores. Mas lembremos sempre que educar é um processo transformador que se dá muito mais pelo exemplo experimentado do que pelas palavras ditas. O Bom Samaritano nos ensina a entregar essa outra criança aos cuidados de quem o possa fazer, pedindo "que a trate bem e a ajude no caminho da cura". Porque esse é o fim último da educação cristã: que todos encontrem o caminho do bem, da justiça e do amor fraterno.

Referências Bibliográficas

- **A Parábola do Bom Samaritano- Lc 10,25-37**
- **FRANCISCO, Papa. Fratelli Tutti: sobre a fraternidade e a amizade social.** São Paulo: Paulus, 2020

Maria Renata de Freitas Adrião D' Angelo



Vice-diretora e coordenadora pedagógica no Instituto Educacional Imaculada-Campinas Neuropsicopedagoga, especialista em Metodologia do Ensino de Filosofia e em Saúde Mental Escolar, pedagoga, licenciada em Letras, psicanalista e escritora.

Onde mora a infância

A potência do brincar no desenvolvimento infantil

IECJ Bragança Paulista

Ao ouvirmos a palavra criança, estabelecemos automaticamente uma associação com o ato de brincar. Isso ocorre devido a uma construção social e histórica que vincula a infância à brincadeira como uma forma natural de expressão, aprendizagem e desenvolvimento. Desde os primeiros registros culturais da humanidade, o brincar aparece como uma prática espontânea da criança, sendo reconhecido como algo essencial.

Brincar envolve uma variedade de elementos, simbolizações e emoções. Algumas brincadeiras evidenciam esses aspectos de maneira única. Como por exemplo, correr em um pega-pega traz a sensação do vento no rosto e automaticamente desperta a imaginação - a criança se sente empoderada, como um super-herói invencível, tão forte e veloz. Já no esconde-esconde, é difícil conter a emoção (e, às vezes, até a vontade de ir ao banheiro); o coração acelera e o ambiente se transforma em um verdadeiro

clima de suspense. Já na batata-quente, a roda torna-se tensa, misturando ansiedade com risos, a ponto de quase sentirmos o “quente” nas mãos. E o corre-cotia, que alimenta a enorme expectativa de ser o escolhido, exigindo paciência e atenção, e ao fechar os olhos, cabe a percepção de sentir e ouvir se os passos estão por perto.

Segundo o autor Henriot, em seu livro *Sous Couleur de Jouer* (traduzido como *Sob a Aparência do Brincar*), o ato de brincar constitui um espaço simbólico muito mais complexo do que se pode imaginar. Para ele, a brincadeira não é um simples passatempo infantil, mas sim um universo carregado de significados, onde a criança representa, ressignifica e experimenta o mundo ao seu redor. A criança é capaz de criar seus próprios personagens e atribuir novos significados a objetos aleatórios, transformando-os em brinquedos preferidos. Um simples item do cotidiano pode representar um super-herói, enquanto uma caixa de papelão, por exemplo, pode rapidamente se tornar um carro, uma casa ou, até mesmo, um foguete - tudo ao mesmo tempo. Essa capacidade de ressignificação revela a potência da infância e o quanto o brincar é a expressão da criatividade.

Dessa forma, o brincar está intrinsecamente ligado à infância e contribui significativamente para o desenvolvimento integral do ser. A infância é uma fase essencial para o pleno desenvolvimento do futuro adulto.

O papel do brincar e dos estímulos no desenvolvimento da criança

Muitas pessoas veem o brincar de forma desvalorizada, não observando o potencial de cada brincadeira, se esquecem o quanto o brincar é uma forma de conhecer, explorar, testar habilidades (tanto físicas como cognitivas). Enquanto brincam, as crianças não estão apenas se divertindo: estão evoluindo como indivíduos, estimulando e potencializando diversas habilidades. O ato de brincar envolve fragmentações importantes para o



“O brincar está intrinsecamente ligado à infância e contribui significativamente para o desenvolvimento integral do ser.”

desenvolvimento, pois estimula a coordenação motora fina e grossa, fundamentais para etapas futuras, além da imaginação e criatividade, ao elaborarem e planejarem suas próprias brincadeiras. Para Winnicott (1975), o brincar constitui-se em um espaço de criatividade e descoberta do eu.

Porém, Winnicott não sabia que na atualidade, observa-se o domínio das telas, que oferecem brincadeiras prontas, bastando um simples deslizar para o lado caso algo não agrade. Em contrapartida, o brincar livre permite que as crianças criem seus próprios jogos, inventem regras, cenários e personagens, o que enriquece significativamente seu repertório como indivíduo.

O brincar como expressão dos sentimentos

O brincar pode ser algo muito mais profundo do que costumamos idealizar. Por meio das brincadeiras, as crianças expressam suas vontades, angústias, paixões e até mesmo referências do cotidiano - como quando brincam de ser professora, imitando aquela docente querida e admirada. O brincar torna-se, assim, um espaço acolhedor para a criança, muitas vezes mais confortável do que uma conversa direta

Conforme destaca Winnicott (1975), o brincar é um espaço transicional, no qual a criança tem liberdade para projetar suas ideias, emoções e reelaborar vivências que experimentou. De modo semelhante, Freud (1908) já apontava que o ato de brincar permite à criança repetir experiências prazerosas, revivendo o que lhe foi agradável ou mesmo elaborando suas angústias, contribuindo para o seu equilíbrio psíquico. Dessa forma, os adultos devem observar atentamente as brincadeiras infantis, pois, muitas vezes, é nelas que a criança revela de maneira indireta e fantasiosa aquilo que sente e vive internamente.

Conclusão

Brincar é um dos mais belos e genuínos caminhos pelos quais a infância se revela. É no faz de conta, nas invenções e nas pequenas criações do dia a dia que a criança encontra liberdade para ser quem é, expressar o que sente e construir sentidos para o mundo ao seu redor. Em meio a um cenário atual, tão marcado pela presença das telas, é fundamental resgatar e valorizar o brincar espontâneo, pois é nele que moram as memórias afetivas, o fortalecimento dos vínculos e o florescer das potencialidades infantis. Ao



preservarmos esses momentos lúdicos, protegemos não apenas o desenvolvimento integral das crianças, mas também a delicadeza e a poesia que tornam a infância uma fase única e insubstituível.

“Enquanto não tem foguetes para ir à Lua, os meninos deslizam de patinete pelas calçadas da rua. Vão cegos de velocidade: Mesmo que quebrem o nariz, que grande felicidade! Ser veloz e ser feliz.” – Cecília Meireles (Para ir à Lua).

Referências Bibliográficas

FREUD, Sigmund. O escritor e a fantasia (1908). Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

MEIRELES, Cecília. Poemas escritos na Índia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

HENRIOT, Jacque. Sous Couleur de Jouer: La metaphone ludique. Paris: José Corti, 1989.

WINNICOT, D. D (1975). O Brincar & a realidade. Rio de Janeiro: Emago Editora.

Bárbara K. Costa
Sant' Ana Soares



Formada em Psicologia, discente em Pedagogia e auxiliar de classe no colégio IECJ-Bragança Paulista

Os desafios para a implementação das políticas públicas de inclusão no cotidiano escolar

EFEITO Consultoria

Resumo

As políticas públicas que orientam a inclusão escolar são pautadas em diversos fundamentos teóricos, metodológicos e jurídicos. Frequentemente alguns destes fundamentos não são comuns no repertório de conhecimento da comunidade escolar. Desta forma, fica mais difícil ajustar os processos e rotinas da escola. Frente a esta constatação, neste texto, apresentamos a legislação e seus impactos no cotidiano escolar no que se refere ao percurso do estudante desde sua matrícula até a sua conclusão. Há que se fazer ajustes na documentação, nas rotinas e processos no que diz respeito ao acompanhamento do público-alvo sob a perspectiva biopsicossocial da deficiência. Estas orientações também regulamentam sobre a formação do professor, a parceria com as famílias e a oferta do atendimento educacional especializado. Uma vez implementados os ajustes necessários, facilmente são observáveis os impactos positivos na escola enquanto instituição de ensino e financeira, e em toda comunidade escolar.

Falar de inclusão na escola é abordar um tema de extrema complexidade pois, envolve toda a comunidade escolar, e ainda mais, requer uma revisão acerca dos preconceitos em relação à diversidade na sociedade.

Até pouco tempo atrás, na história do processo educacional formal dos estudantes com deficiência, a escola especial era a única possibilidade para acesso à educação deste público. Em 2015, com a publicação da Lei Brasileira de Inclusão - LBI (Lei 13.146/2015), essa história teve um “divisor de

água”. Esta lei é fundamentada no conceito biopsicossocial de deficiência, ou seja, descola o modelo biomédico. Isto significa que o indivíduo é visto considerando a sua condição de saúde e os impactos funcionais no seu cotidiano decorrentes das suas interações.

Com a publicação da LBI em 2015, hoje celebramos 10 anos da mudança do paradigma que define deficiência e isto tem impacto direto na escola. Isto significa que não estamos falando de deficiência propriamente dita, falamos de limitações, que são decorrentes das interações com o meio. Diante desse princípio, cada indivíduo é único, mesmo tendo o mesmo diagnóstico.

Portanto, desde a vigência da LBI, o público-alvo passa a ser definido sob outro foco, como descrito no Artigo 2º da lei (Lei 13.146/2015):

Art. 2º Considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas.

§ 1º A avaliação da deficiência, quando necessária, será biopsicossocial, realizada por equipe multiprofissional e interdisciplinar e considerará:

- I - Os impedimentos nas funções e nas estruturas do corpo;
- II - Os fatores socioambientais, psicológicos e pessoais;
- III - A limitação no desempenho de atividades; e
- IV - A restrição de participação.

Em se tratando de uma mudança de paradigma acerca da definição de deficiência, o critério para oferta das adaptações para o estudante é pautado nos impactos no cotidiano do estudante e não exclusivamente baseada no CID (Classificação Internacional de Doenças).

Frente a este novo olhar é fundamental que a escola ajuste seus processos e rotinas para melhor acolher



as demandas específicas do estudante. As políticas públicas de inclusão escolar, notadamente publicadas na LBI orientam todas as ações necessárias.

Diante da complexidade das demandas do contexto escolar, a Lei de Diretrizes e Bases e o Conselho Nacional de Educação orientam no sentido da escola implementar o Serviço de Apoio à Inclusão (Art. 58 LDB 9394/96, Art. 3 da Resolução do CNE/CEB nº 2 de 2001, Art. 28 da LBI 13.146/15) ou o NAI no ensino superior (Núcleo de Apoio a Inclusão) - Lei nº 13.005/2014. Assim, cada estudante poderá, de forma individualizada, ter seu percurso na escola recebendo as equiparações justas e necessárias a partir de suas habilidades, competências e limitações.

Além disso, é fundamental que a escola faça ajustes nos seus documentos, como o Projeto Político Pedagógico (Art. 59 LDB 9394/96, Art. 8 da Resolução do CNE/CEB nº 2 de 2001, Inciso III do Art. 28 da LBI 13.146/15) e o Regimento. Também é importante adequar os processos de acesso e seletivo para estudantes novatos (Art. 8º da Lei nº 7.853/1989; Art. 58 LDB 9.394/96) para receber os estudantes público-alvo da inclusão de forma justa e clara.

A LBI também orienta quanto a obrigatoriedade da implantação das adaptações razoáveis (Inciso VI do Art. 3, Art. 4; Incisos V e IX do Art. 28 da Lei 13.146/2015). Vale destacar que a lei ainda determina

que a não oferta das adaptações razoáveis constitua-se de um crime de discriminação (Art. 4 da Lei 13.146/2015), independente do estudante ter ou não laudo de especialistas externos.

Até por que, mesmo que a escola possa solicitar uma avaliação ou laudo de especialistas externos, a família tem o direito de não entregar à escola estes documentos (Art. 8 da Lei nº 7.853/89; ECA Lei 8.069/90; NT n.04 de 2014 do MEC; LGPD Lei 13.709/2018). Essa atitude da família, de não entregar o laudo do filho, não isenta a escola da obrigação de implementar as adaptações razoáveis. Afinal, o objeto da escola é pedagógico, portanto, quem sabe sobre a necessidade ou não do estudante quanto à oferta das equiparações é de responsabilidade técnica, ética e jurídica da equipe pedagógica.

A definição de adaptações razoáveis (Inciso VI, Art. 3 da Lei 13.146/2015) é clara:

Art 3º, inciso VI - adaptações razoáveis: adaptações, modificações e ajustes necessários e adequados que não acarretem ônus desproporcional e indevido, quando requeridos em cada caso, a fim de assegurar que a pessoa com deficiência possa gozar ou exercer, em igualdade de condições e oportunidades com as demais pessoas, todos os direitos e liberdades fundamentais. (Lei 13.146/2015)

Isto significa que a implementação das adaptações nas atividades ou no ambiente, ou do profissional de



apoio escolar (Inciso XIII do Art. 3 e inciso XVII do Art. 28 da Lei 13.146/2015) e do Plano Educacional Especializado (PEI) (Inciso V do Art. 28 da Lei 13.146/2015), configura-se como adaptações razoáveis.

Obviamente, a oferta destas equiparações são pautadas nas necessidades do estudante e não no seu laudo.

Se considerarmos que não é o laudo de especialista externo que define sobre a oferta ou não das adaptações, o desafio agora é determinar parâmetros norteadores assertivos sob a perspectiva da funcionalidade para a implementação das equiparações.

Para as adaptações das atividades do dia a dia, avaliativas e deveres de casa é fundamental que sejam feitas observações e avaliações pela equipe pedagógica. Há que considerar a especificidade de cada estudante. No aspecto pedagógico avaliar as habilidades, competências, limitações do estudante, mas especialmente, descrever «como» o estudante aprende. E avaliar a necessidade da oferta do PDI – Plano de Desenvolvimento Individual (Inciso V do Art. 28 da LBI). Em caso de impactos funcionais em atividades do cotidiano escolar a oferta do profissional de apoio escolar (Inciso XIII do Art. 3 e Inciso XVII do Art. 28 da LBI) pode ser mais adequado. Se as

questões do estudante estão relacionadas ao comportamento ou à participação social, é fundamental pensar em adaptações para o ambiente, no estudante e talvez em atividades também. Mas, se os impactos funcionais estão relacionados à questões desenvolvimentais há que se pensar na oferta de recursos de acessibilidade, adequação de métodos e técnicas, por exemplo.

A Lei Brasileira de Inclusão (Lei 13.146/2015) também determina a oferta da capacitação da equipe (Inciso VII, X e XI do Art. 28), e destaca o modelo de estudo de casos (Inciso VII do Art. 28 da LBI, Parecer 50 MEC 2024) como referencial. Afinal, estamos falando do modelo biopsicossocial.

Mas, também é fundamental a parceria com as famílias (Inciso XVI do Art. 28), pois a participação de todos os sujeitos envolvidos pode contribuir sobremaneira em prol da evolução do estudante no contexto escolar.

A LBI também determina a obrigatoriedade da implementação do AEE – Atendimento Educacional Especializado no contraturno escolar (Lei nº 13.005/2014; inciso III do Art. 28 da LBI 13.146/15).

Toda comunidade escolar, e por fim, toda sociedade, evolui se aprendermos a lidar com a diversidade nos diversos ambientes.

Os ajustes nos processos e rotinas da escola pautados nas políticas públicas de inclusão podem trazer impactos positivos para toda comunidade escolar, como por exemplo:

- Mais assertividade nos ajustes:
- dos processos e rotinas da escola;
- do PPP e do regimento;
- do edital e dos processos admissional e seletivo de estudantes novatos;
- Melhor orientação para a implementação do serviço de apoio a inclusão e do AEE;
- Mais assertividade na implantação das adaptações razoáveis;
- Melhor aprendizagem dos estudantes, considerando suas habilidades, competências e limitações;
- Redução do absenteísmo/rotatividade dos PAEs;
- Redução do absenteísmo dos docentes;
- Redução nos desgastes na relação escola – família;
- Redução do número de judicializações;
- Melhor planejamento da planilha de custos da escola.

Em síntese, a LBI nos capítulos I e IV, notadamente, orienta como a escola deve ajustar seus processos e rotinas para acatar as políticas públicas de inclusão escolar. Mas, trata-se de um processo coletivo, onde todos são convidados a repensar seus conceitos, preconceitos e valores, e assim contribuímos para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa para todos.

Referências Bibliográficas

BRASIL. Lei 13.146 de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 13 de junho de 2025.

BRASIL. Lei 9.394 de 20 de dezembro 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm Acesso em 16 de junho de 2025.

BRASIL. Resolução do CNE/CEB nº 2 de 11 de setembro de 2001. Institui Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Disponível em:

<https://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf>. Acesso em: 16 de junho de 2025.

BRASIL. Lei nº 7.853, de 24 de outubro de 1989. Dispõe sobre o apoio às pessoas portadoras de deficiência, sua integração social, sobre a Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência - Corde, institui a tutela jurisdicional de interesses coletivos ou difusos dessas pessoas, disciplina a atuação do Ministério Público, define crimes, e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7853.htm Acesso em: 16 de junho de 2025.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm Acesso em: 16 de junho de 2025.

BRASIL. NOTA TÉCNICA Nº 04 / 2014 / MEC / SECADI / DPEE de 23 de janeiro de 2014. Orientação quanto a documentos comprobatórios de alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação no Censo Escolar. Disponível em: https://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_ocman&view=download&alias=15898-nott04-secadi-dpee-23012014&Itemid=30192. Acesso em: 16 de junho de 2025.

BRASIL. Lei nº 13.709, de 14 de agosto de 2018. Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD). Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/l13709.htm. Acesso em: 16 de junho de 2025.

Márcia Bastos Rezende



Terapeuta ocupacional, mestrado e doutorado pela UFMG, docente aposentada pela UFMG, diretora técnica da EFEITO Consultoria e Treinamento para Inclusão Escolar

Peregrinos de esperança no mundo educativo

Revista Vida Pastoral

“O Ano Santo vocaliza o ato de esperar vidas que cada educador assume ao mediar conflitos, propor a paz, estabelecer relações de proteção à Casa Comum, favorecer a amizade social e semear o sonho de uma economia solidária.”

O Jubileu de 2025, com o tema “Peregrinos de esperança”, provoca a humanidade a reanimar a caminhada com uma vida de esperança. O mundo da educação, plural e profundamente marcado por ambiguidades, entre as incertezas e o medo do futuro, é inspirado pelo convite a peregrinar com esperança, pois educar é, em si, ato de esperança. O presente artigo propõe elencar alguns aspectos que o jubileu apresenta como oportunidade de ajudar as famílias, os educadores e os estudantes a se reencantarem pela arte de educar com e na esperança.

“O papa Francisco provoca a humanidade a reencantar-se pela vida, não de forma isolada, mas em um profundo sentido de comunidade e de abertura ao transcendente.”

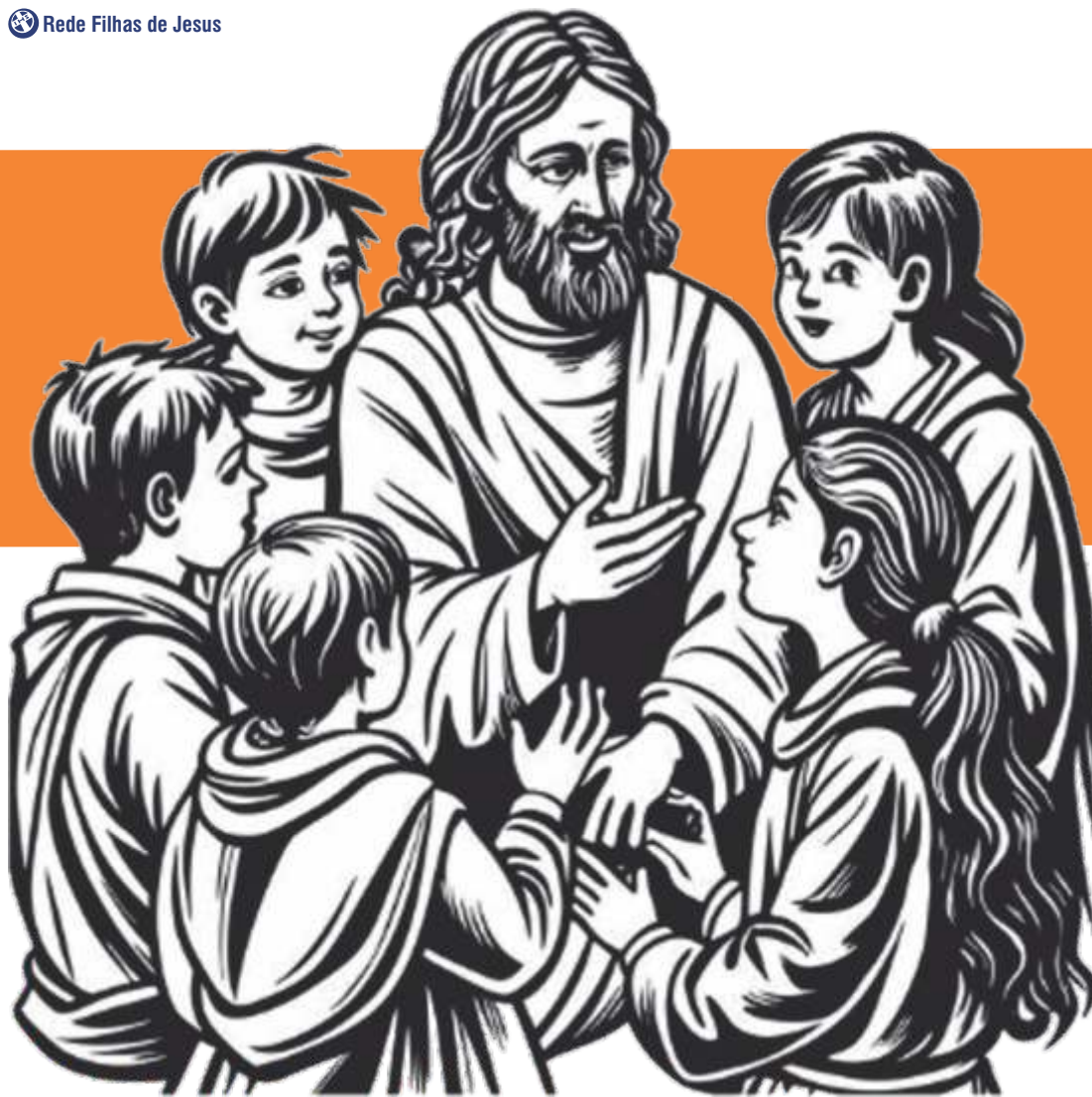
INTRODUÇÃO

O Jubileu de 2025, com o tema “Peregrinos de esperança”, lança um inspirador convite à humanidade, em sua complexa realidade de múltiplas crises, e indica a urgência em fomentar horizontes de esperança para o mundo. Na bula *Spes non Confundit*, o papa Francisco provoca a humanidade a reencantar-se pela vida, não de forma isolada, mas em um profundo sentido de comunidade e de abertura ao transcendente. O papa não propõe uma esperança ingênua, mas enraizada na fé que conduz à conversão e ao compromisso transformador. O convite a peregrinar com esperança é essencial em todos os

ambientes, mas a educação deve ser, por excelência, seu lugar de cultivo e fomento, pois educar é um ato de esperança.

O recente relatório da Unesco (2022) sobre o futuro da educação indica que as marcas da atual conjuntura histórica, com a ampliação da desigualdade social e econômica, as mudanças climáticas, o retrocesso democrático, a automação tecnológica disruptiva e as crises migratórias, ameaçam a dignidade da vida humana e a vida no planeta e potencializam a descrença em um futuro melhor, afetando particularmente as novas gerações. Em confluência com essa perspectiva, o papa Francisco descreve a realidade na qual muitas pessoas, diante das ambiguidades do mundo, se encontram desanimadas e, assim, olham para o futuro com ceticismo e pessimismo.

Nesse mosaico de inúmeros desafios, aqueles que atuam no imenso e plural ambiente educativo são provocados pela proposta do jubileu, como peregrinos de esperança, a colaborar na reflexão e no cultivo de uma viva esperança. Os que educam levam à frente árdua missão: auxiliam, como artesãos, as novas gerações a se inserirem na história, buscando ser sujeitos que dão sentido à existência e contribuem para a edificação do mundo. O presente artigo pretende indicar alguns aspectos que o Jubileu de 2025 apresenta como oportunidade de, à luz da fé em Cristo, ajudar as famílias, os educadores e os estudantes a se reencantarem pela arte de educar com e na esperança. Nas palavras do papa: “Que o jubileu seja, para todos, ocasião de reanimar a esperança” (Francisco, 2024, n. 1).



1. O EDUCADOR COMO TESTEMUNHA DA ESPERANÇA

O jubileu desperta os educadores, como testemunhas da esperança, a “primeirar”,¹ acolhendo, orientando e formando crianças, adolescentes, jovens, adultos e famílias em vista de uma vida comunitária compartilhada, de uma sociedade na qual a fraternidade é ponte que reconcilia os diferentes. O Ano Santo vocaliza o ato de esperar vidas que cada educador assume ao mediar conflitos, propor a paz, estabelecer relações de proteção à Casa Comum, favorecer a amizade social e semear o sonho de uma economia solidária.

A esperança é o fio condutor que guia a educação, mantendo viva a chama do potencial em cada estudante. Para além de ensinar matérias e conceitos, a educação tem o poder de impactar vidas de forma positiva e duradoura. Segundo essa perspectiva, educar nada mais é que um ato de esperança, pois o educador tem a missão de catalisar sonhos, incentivando os estudantes a acreditar em si mesmos

e a perseguir seus objetivos com fervor. Tal missão envolve nutrir não apenas o intelecto, mas também o espírito, construindo alicerces sólidos para um futuro esperançoso. Nesse sentido, o papa Francisco utiliza três imagens para indicar o percurso de uma educação integral: a linguagem da cabeça, do coração e das mãos.

Com isso, ele se refere à parte intelectual e cognitiva do processo educativo; ao sentimento e sonhos de cada pessoa; à realidade de inserção na vida e no mundo. Uma educação que seja integral contempla essas três dimensões. Como indicou o patrono da educação brasileira, professor Paulo Freire, é preciso “esperançar”, como iniciativa que implica ação e esforço para concretizar mudanças e transformações na realidade. Esperançar significa acreditar na possibilidade de um futuro melhor e trabalhar ativamente para alcançá-lo, promovendo a justiça social, a equidade e a emancipação das pessoas. Dessa forma, a esperança não é apenas uma realidade individual e estática, mas sobretudo uma força

transformadora na história, inspirando as pessoas a trabalhar pelo bem comum. Para aqueles que educam, a esperança é força que entusiasma e faz perseverar na arte de educar, no propósito de promover experiências humanizadoras que despertem nas novas gerações o apaixonado cuidado com a vida, com o planeta, e a promoção da dignidade humana e da fraternidade.

2. PEREGRINOS NO COMPLEXO MUNDO EDUCATIVO

Ser educador é ser um peregrino nas fronteiras do mundo, é caminhar entre luzes e sombras da realidade educacional na atualidade, marcada pela pluralidade. O olhar sensível e atento do educador peregrino permite reconhecer que se vive em um tempo de muitas ambiguidades. Se, por um lado, existe a cobrança por eficiência e alta performance da educação, por outro, existe crescente desinteresse da sociedade como um todo pela sua responsabilidade educativa. A busca por uniformização e padronização dos currículos e métodos educativos contrasta com as imensas desigualdades regionais e sociais existentes no país. A desenfreada oferta de programas socioemocionais se confronta com a violência, a indiferença, o bullying e a intolerância veladamente presentes na sociedade. Assim, emerge um contexto social e histórico que desafia a construção de caminhos alternativos para que a educação cumpra seu papel e promova a esperança.

Não raras vezes, as práticas educativas acabam por reproduzir aspectos da sociedade contemporânea, fortemente marcada pela competição, produtividade, indiferença e utilitarismo. Escolas, universidades e famílias reeditam, em seus espaços formativos, os mesmos valores e princípios nocivos da mentalidade predominante e, assim, cooperam para que as novas gerações amplifiquem as consequências desse desastroso modelo. São incontáveis os jovens que deixam de sonhar ou reduzem suas perspectivas de vida a mero projeto de consumo.

Ao alargar o horizonte, propondo a esperança como característica primordial na jornada da vida, o convite ao Ano Santo de 2025 evoca um frescor capaz de promover diferenciado olhar sobre a realidade, abrindo possibilidades de superação do fatalismo e pessimismo gerados pela sociedade do consumo e da agilidade. Diante das incertezas e do medo do futuro, faz-se urgente semear possibilidades, pensar



alternativas, sonhar coletivamente e tecer redes de mútua cooperação. Dessa forma, o jubileu se apresenta, no campo educativo, como um alforje que reúne as inúmeras iniciativas da última década empreendidas pelo papa Francisco como sinal de esperança para a humanidade.

A proposta do Jubileu de 2025 reforça as ações do Pacto Educativo Global, que agrupa as iniciativas educativas dos últimos anos em um esforço de repactuar o compromisso da humanidade com uma educação aberta e inclusiva em prol das futuras gerações. Segundo Guimarães (2020, p. 7), “o Pacto sinaliza, a partir do comando de Francisco, a retomada de uma agenda contemporânea, socialmente responsável, ética e, sobretudo, humanista para com a educação em todos os níveis e em todo o mundo”. O papa Francisco recorda que “a educação será ineficaz e os seus esforços estéreis, se não se preocupar também por difundir um novo modelo relativo ao ser humano, à vida, à sociedade e à relação com a natureza” (Francisco, 2015, p. 125). Por isso, para orientar os processos educativos, há a necessidade de restabelecer um pacto no qual a dignidade humana e a convivência fraterna entre as pessoas e com o meio ambiente sejam o ponto central.

A voz de Francisco se soma ao coro dos que propõem um repensar nas práticas curriculares e projetos educativos, para que estes estejam a favor da dignidade humana e promovam um modelo educativo solidário, capaz de implementar gradativamente uma mudança também no entendimento da economia. Como arquitetos do amanhã, os educadores são inspirados a abraçar sua missão, reconhecendo que esta transcende o mero compartilhamento de conhecimento, pois abrange despertar mentes, mãos e corações, a fim de suscitar o desejo de aprender e crescer.

O tema do peregrinar toca, de forma especial, aqueles que se dedicam à arte de educar, pois acompanhar processos de aprendizagem, de descoberta, é percorrer um caminho permeado de alegrias e incertezas. Os desafios presentes na sala de aula, na comunidade escolar e na complexidade da sociedade atual podem ser ressignificados à luz da força que brota da fé viva. Dessa forma, o convite do papa Francisco à viva esperança no peregrinar conforta, pois sublinha que o caminho não se percorre sozinho, mas junto com tantos outros educadores. Nessa estrada também peregrinam as comunidades de fé, casas da acolhida, que sinalizam a própria Trindade, comunhão perfeita.



3. SINAIS DE ESPERANÇA

O mutirão transformador do mundo precisa de muitos agentes, e a educação, sem dúvida, tem aí um papel preponderante, mas seu potencial só será fecundo se somado a tantos outros atores sociais. Neste Jubileu de 2025, o amplo esforço de repactuar o compromisso com a edificação de um mundo mais fraterno e justo encontra, nas iniciativas educativas, importante colaboração. Os espaços da educação básica, superior e popular podem desenvolver projetos pedagógicos e pastorais que propiciem experiências fomentadoras de esperança na sociedade, especialmente junto aos estudantes e educadores. Por estarem inseridos na realidade da peregrinação cotidiana de cada comunidade escolar e participarem dos dramas humanos, educadores e estudantes sentem o pulsar dos corações aflitos e dividem as alegrias das conquistas. Esses sujeitos experimentam a desesperança, a angústia e as incertezas do cotidiano e, no âmago dessa realidade dura e, ao mesmo tempo, feliz, são capazes de serem sinais de esperança. Dessa forma, como peregrinos de esperança, comunidades escolares, educadores e estudantes são chamados a pensar estratégias para criar um ambiente educacional que inspire e motive todos a acreditar e construir um futuro melhor.

A bula de convocação para o jubileu propõe o seguinte questionamento: como olhamos para o futuro? (Francisco, 2024). As respostas podem ser variadas: alguns terão olhares de esperança, enquanto outros apresentarão um direcionamento mais pessimista. Dessa forma, a educação é chamada, neste Ano Jubilar, a promover experiências que despertem e promovam olhares de esperança sobre a vida, a humanidade e o futuro. Algumas indicações podem iluminar projetos pedagógicos e de pastoral nas escolas e universidades:

Redescobrir indicações de esperança nos sinais dos tempos é uma das propostas do jubileu: “é preciso prestar atenção em tanto bem que existe no mundo” (Francisco, 2024, n. 7). Atividades pedagógicas e pastorais podem fomentar na comunidade escolar um olhar atento sobre a realidade do mundo, ajudando-a a perceber as situações, pessoas e projetos que promovem a esperança e fazem o bem. Em meio às desesperanças e distopias deste tempo, torna-se essencial mapear e tornar conhecidas as boas práticas de solidariedade e de promoção da paz;

Propor experiências pedagógicas que nutram a paciência como característica necessária para a humanidade em uma sociedade marcada pela pressa e pelo digital;

Viver a experiência do perdão como dimensão central na espiritualidade do jubileu. Sentir-se perdoado por Deus e, ao mesmo tempo, estender esse perdão aos irmãos e irmãs. A esperança nutre no coração de cada pessoa o profundo desejo de se reconciliar como caminho necessário de uma vida fraterna. As comunidades escolares e universitárias poderão desenvolver projetos de reconciliação e acolher medidas pedagógicas que superem as punitivas, tendo em vista ações restauradoras diante de situações concretas do cotidiano da escola;

Realizar projetos que promovam a presença em situações concretas, restituindo a esperança junto aos pobres, às pessoas privadas de liberdade, aos enfermos, idosos e migrantes;

Promover experiências celebrativas como oportunidades de encontro com Jesus, fonte inesgotável da esperança da humanidade (cf. 1Tm 1,1). A ação pastoral pode intensificar momentos de reflexão bíblica, de meditação e, principalmente, de peregrinação a pé para potencializar experiências fecundas de caminhar com o Senhor e com os irmãos como fonte da esperança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em um mundo repleto de desafios e incertezas, em que a educação é muitas vezes tratada como mercadoria ou ideologia política, tendo sua qualidade ameaçada, a esperança é o farol que guia o educador em sua missão diária. Diante das adversidades, é fundamental permanecer firme no compromisso de orientar, inspirar e capacitar o educando para o bem, a paz e a solidariedade. Na missão de reacender a chama da esperança, os educadores são vocacionados a plantar sementes de conhecimento, empatia e resiliência, contribuindo para a construção de um mundo mais justo, humano e fraterno. O Jubileu de 2025 pode ser entendido como importante estímulo para o mundo da educação, inserido em tantas disputas e desencontros. Famílias, educadores e estudantes são incentivados a contemplar o horizonte com novas possibilidades. Este Ano Santo propicia também que estudantes e educadores

acolham o convite e se reconheçam como peregrinos de esperança, os quais, na jornada da vida, percebem no horizonte do infinito as razões para firmar os passos no caminho, dando testemunho de fé e de esperança.

Referências Bibliográficas

CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. **Educar ao humanismo solidário.** Brasília: Ed. CNBB, 2018.

FRANCISCO, Papa. **Laudato Si': Carta Encíclica sobre o cuidado da Casa Comum.** São Paulo: Paulus, 2015.

FRANCISCO, Papa. *Spes non Confundit*: Bula de proclamação do jubileu ordinário do ano 2025. São Paulo: Paulus, 2024.

GUIMARÃES, J. G. M. **Educar para humanizar.** In: **BRUCK, M. S.** (Org.). *Decálogo da educação humanista da PUC Minas: refletido para uso acadêmico e cultural, sociopolítico e econômico, pastoral e espiritual.* Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2020.

SPADARO, A. **La sfida educativa di Jorge Mario Bergoglio.** In: **DIACO, E.** (Org.). *L'educazione secondo papa Francesco.* Bolonha: EDB, 2018.

UNESCO. **Reimaginar nossos futuros juntos: um novo contrato social para a educação.** Brasília: Comissão Internacional sobre os Futuros da Educação, Unesco; Boadilla del Monte: Fundación SM, 2022. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000381115?posInSet=15&queryId=N-EXPLORE-a4f35387-0245-4df5-a2de-258251dc55c7>. Acesso em: 12 ago. 2024.

Pe. Júlio César Evangelista Resende

osC, religioso da Ordem da Santa Cruz, os Cruzios.
Mestre em Educação pela PUC-Minas,
assessor do Setor Educação na CNBB e
membro da Equipe Nacional de Animação do Jubileu 2025.
Fonte - Revista Vida Pastoral

Olimpíadas do Conhecimento

Centro de Serviços Compartilhados



As Olimpíadas Científicas se consolidaram como instrumentos de desenvolvimento acadêmico no Brasil. Mais do que simples competições, elas funcionam como espaços para o fortalecimento do pensamento crítico, da resolução de problemas e do interesse pelas ciências. Para as escolas da Rede Filhas de Jesus, as Olimpíadas representam a oportunidade de incentivar os alunos a superar limites, a buscar conhecimento em profundidade e a adotar estratégias de aprendizado eficazes e desafiadoras.

O Brasil tem conquistado posições notáveis no cenário internacional, principalmente nas Olimpíadas de Matemática, Física, Química e Astronomia, se destacando nas classificações mundiais. E em 2025 não foi diferente.

Francisco Carluccio De Andrade: do Imaculada para o mundo

Um exemplo brilhante dessa trajetória de sucesso é o estudante Francisco Carluccio de Andrade, aluno do **Imaculada Campinas**. Aos 17 anos, Francisco integrou a delegação brasileira que representou o país na **18ª edição da IOAA** (Olimpíada Internacional de Astronomia e Astrofísica), realizada entre 11 e 21 de agosto de 2025, em **Mumbai, na Índia**. Junto com outros quatro jovens talentos do Ensino Médio, Francisco enfrentou alguns dos maiores desafios da área de astronomia, uma experiência que certamente deixará marcas na sua formação acadêmica e científica. Francisco conquistou a medalha de prata na disputa, mantendo o Brasil no ranking dos melhores.

A participação de Francisco é fruto de um processo de preparação cuidadosa, com treinamentos e acompanhamento oferecidos tanto pelo Imaculada Campinas, como pela Olimpíada Brasileira de Astronomia e Astronáutica (OBA) e pela Sociedade Astronômica Brasileira (SAB).



Rede Filhas de Jesus: formação integral e cultura olímpica

As escolas da Rede Filhas de Jesus desempenham um papel fundamental no preparo de seus alunos para as Olimpíadas do Conhecimento, o incentivo à participação nessas competições faz parte da proposta pedagógica, com atividades que buscam preparar os estudantes de maneira eficaz para enfrentar os desafios dessas competições.

O professor de Matemática do Imaculada Campinas, Ederson Dorigan, observa que o impacto das Olimpíadas é profundo tanto para a escola quanto para os alunos. “As Olimpíadas do Conhecimento incentivam os professores e a escola a adotarem estratégias de ensino mais eficazes, por meio de aulas preparatórias, aprofundamento de conteúdos e da construção de um ambiente mais dinâmico e estimulante para o processo de aprendizagem.”

Para Ederson, os benefícios são visíveis no desenvolvimento acadêmico dos estudantes. “O aluno que se engaja nas olimpíadas acaba se desenvolvendo mais nos conteúdos, no raciocínio lógico e no pensamento crítico. Outro fator importante

é a valorização do conhecimento, pois o aluno que participa das olimpíadas sempre demonstra um maior interesse pelos estudos de uma maneira geral.”

A escola também oferece aos seus alunos o apoio necessário para quem deseja se destacar. Segundo o professor, “a participação nas olimpíadas tem crescido a cada ano, e isso se deve ao incentivo contínuo dos professores, das famílias e à motivação dos próprios alunos em conquistar uma vaga nas grandes universidades do país.”

Outro atleta olímpico do conhecimento é o aluno Rafael Dorigan, estudante da 1ª série do Ensino Médio também no Imaculada Campinas. Rafael explica como iniciou sua trajetória nesse universo desafiador: “Decidi ser um atleta das Olimpíadas de Conhecimento quando eu estava no sexto ano. Sempre fui incentivado pelos meus pais e pela escola a participar, e também achava que as olimpíadas eram boas maneiras de me desafiar.”

Rafael, assim como outros estudantes do Imaculada, faz um treinamento contínuo para se preparar para as provas, incluindo a resolução de exames de edições

“As Olimpíadas do Conhecimento incentivam os professores e a escola a adotarem estratégias de ensino mais eficazes, por meio de aulas preparatórias, aprofundamento de conteúdos e da construção de um ambiente mais dinâmico e estimulante para o processo de aprendizagem.”





anteriores. “Normalmente eu resolvo provas anteriores para me acostumar com elas e conseguir um resultado melhor. Além disso, quando encontro alguma dificuldade, vou às aulas de preparação para olimpíadas que a escola disponibiliza.”

O estudante tem uma visão positiva sobre o processo de preparação e não se deixa desanimar pelos desafios. “Eu tento não me preocupar com as provas, porque eu sei que sou capaz e que isso não é nada mais que uma etapa do meu aprendizado.” Para ele, as conquistas são consequência do esforço diário. E, ao olhar para o seu percurso, Rafael destaca com orgulho um de seus maiores feitos: “O resultado mais marcante que já obtive em olimpíadas foi na Canguru de Matemática. Ano passado eu ganhei uma medalha de bronze, e esse ano eu consegui uma medalha de ouro.”

A emoção de conquistar a medalha de ouro foi indescritível para Rafael. “A sensação foi incrível. Saber que eu estudei, me esforcei, me dediquei, fiz o meu melhor e consegui o que eu queria foi realmente gratificante.”

Quando pergunta sobre o que mais contribuiu para o seu sucesso, ele não hesita: “Eu acho que o ambiente escolar foi a parte mais importante para meu desempenho nas Olimpíadas acadêmicas. Além de contar com a ajuda dos professores e aulas de preparação para olimpíadas disponibilizadas pela escola, estar rodeado de colegas que também competem e se dedicam tanto quanto eu me motivou e continua me motivando a continuar com os estudos e buscar sempre melhorar.”

Por fim, Rafael compartilha um conselho valioso para os futuros olímpicos: “Não espere que vai ser fácil. Você encontrará muitas dificuldades, mas se mantiver a constância, se dedicar e praticar muito, o sucesso é praticamente garantido. O importante é começar e não desistir durante o caminho.”

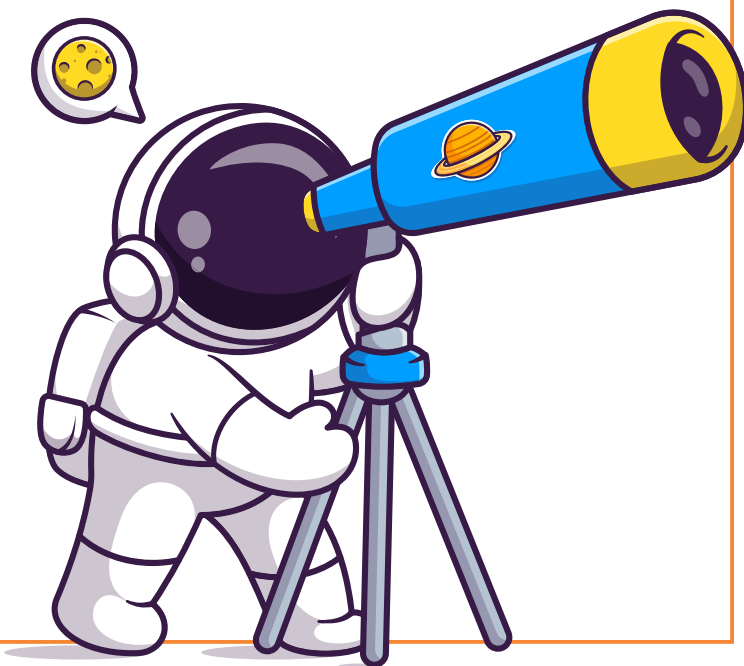
Impacto e legado das Olimpíadas Científicas

A participação em Olimpíadas Científicas proporciona aos estudantes experiências de aprendizado intensivo, o desenvolvimento de habilidades cognitivas essenciais e a oportunidade de formar redes de contato com outros jovens talentos e mentores. Ao se engajar nas olimpíadas, os alunos ampliam seus horizontes e se preparam para um futuro acadêmico e profissional promissor, seja nas melhores universidades ou em centros de pesquisa de excelência.

O futuro começa agora

A história de Francisco Carluccio De Andrade e Rafael Dorigan é apenas um exemplo do potencial transformador das Olimpíadas do Conhecimento. Ambos são testemunhas de como, com dedicação e apoio adequado, os jovens podem alçar voos altos, contribuindo para o fortalecimento da ciência brasileira no mundo.

O Brasil tem muitos desafios pela frente, mas a paixão pelo conhecimento, o incentivo à educação e a busca pela excelência científica são forças que, com certeza, moldarão um futuro promissor. E, para quem está disposto a trilhar esse caminho, o céu é o limite.



Entrevista com Francisco Carluccio De Andrade



1) Quando você decidiu ser um atleta das Olimpíadas de Conhecimento e por quê?

"Eu comecei no sexto ano, por curiosidade, participando de uma Olimpíada de Matemática. Gostei da ideia de resolver problemas diferentes do que a gente vê normalmente na escola. No final do oitavo ano, meu interesse foi aumentando e passei a me dedicar mais, não só na Matemática, mas em outras áreas também."

2) Como você se prepara?

"Manter o estudo constante é essencial. Eu costumo resolver provas antigas, fazer muitos exercícios e, sempre que possível, conversar com pessoas que também gostam dessas Olimpíadas. Isso ajuda a entender assuntos de formas diferentes e aprender com as experiências dos outros."

3) De que forma você trabalha suas ansiedades e expectativas antes das provas?

"Quanto mais a gente estuda e pratica, menos a ansiedade pesa. Fazer várias provas antes, treinar bastante, faz com que a gente se acostume com o ambiente e com a pressão. Isso traz mais calma, porque você começa a confiar no que já aprendeu."

4) Qual a sensação de ver um desafio superado?

"É muito gratificante ver que todo o esforço valeu a pena. Quando a gente olha para trás e lembra do tempo dedicado, é uma sensação de dever cumprido. E poder representar o Brasil em uma Olimpíada Internacional é uma honra enorme, um reconhecimento que dá muito orgulho."



5) Relate uma memória importante da sua vida na escola que colabora para sua autoconfiança e determinação na participação em Olimpíadas acadêmicas.

"A escola sempre foi importante no dia a dia e me incentivou a buscar aprender coisas fora da sala de aula. Lembro de quando me indicaram para participar de uma competição diferente, isso me motivou a ir atrás de mais desafios. Esses incentivos me deram mais confiança para continuar."

6) Que dicas você dá para um estudante que está pensando em competir?

«A primeira coisa é não encarar como obrigação. Estudar para as Olimpíadas tem que ser um processo prazeroso, por interesse próprio. É importante descobrir qual assunto você mais gosta e começar a se aprofundar nele. Depois disso, manter uma rotina de estudo, com disciplina, faz toda a diferença.»

Renata Dantas



(CSC) - Gestora de Comunicação e Marketing Estratégico da Rede Filhas de Jesus. Jornalista, pós-graduada em Comunicação Corporativa (UNI-BH) Comunicação e Marketing (PUC-MG) Gestão de Reputação e Marcas (PUC-RS) Especialista em Neuromarketing (IBN)

CONGREGAÇÃO DAS FILHAS DE JESUS

CASA PROVINCIAL

Rua da Bahia, 1432 – Lourdes -
CEP 30160-017 - Belo Horizonte - MG
Tel: (31) 3222-3426

COLÉGIO IMACULADA CONCEIÇÃO

Praça Dom Helvécio, 82 - Centro
CEP 36700-000 - Leopoldina - MG
Tel: (32) 3449-2500
Site: www.cicleopoldina.com.br

CENTRO DE SERVIÇOS COMPARTILHADOS

Rua Ludgero Dolabela, 1021
6º andar - Gutierrez - CEP 30441-048
Belo Horizonte - MG
Tel: (31) 3337-8755

COMUNIDADE CÉU AZUL - SANTÍSSIMA TRINDADE

CASA DE ESPIRITUALIDADE E EVENTOS SANTÍSSIMA TRINDADE

Rua Madre Cândida, 241 - Vila Paris
CEP 30380-690 - Belo Horizonte - MG
Tel: (31) 3344-6711
Site: www.casasantissimatrindade.com.br

CASA SANTÍSSIMA TRINDADE

Rua Madre Cândida, 241 - Vila Paris
CEP 30380-690 - Belo Horizonte - MG
Tel: (31) 3344-2441

CASA DO CÉU AZUL

Rua Radialista França Campos, 98B
Céu Azul B - CEP 31580-040
BELO HORIZONTE - MG
Telefone: (31) 3654-4831

COMUNIDADE NOSSA SENHORA DE NAZARÉ (CASA DE ENFERMARIA)

Rua Costa Pinto, 123 - Vila Paris
CEP 30380-700 - Belo Horizonte - MG
Tel: (31) 3344-8289
E-mail: adm.nazare@seias.com.br

COMUNIDADE DE MONTES CLAROS

Av. Neco Delfino, 363
Delfino Magalhães
CEP 39402-181 - Montes Claros - MG
Tel: (38) 3216-2184

OBRA SOCIAL NOSSA SENHORA DE FÁTIMA

Av. Neco Delfino, 363/399
Delfino Magalhães
CEP 39402-181 - Montes Claros - MG
Tel: (38) 3222-2256
Site: www.obramoc.com.br

CENTRO POPULAR DE EDUCAÇÃO INTEGRAL E ASSISTÊNCIA SOCIAL STELLA MARIS

Estrada do Vidigal, 75 - Vidigal
CEP 22450-230 - Rio de Janeiro - RJ
Tel: (21) 2274-1147
Site: www.stellamaris-rj.com.br

COMUNIDADE RIO DE JANEIRO

Estrada do Vidigal, 75 - Vidigal
CEP 22450-230 - Rio de Janeiro - RJ
Tel: (21) 3518-1224

COMUNIDADE RUSSAS

Rua Afonso Maciel 1173 A
Bairro Planalto da Bela Vista
CEP: 62900-000 - RUSSAS - CE
Tel: (85) 99681-5578

COMUNIDADE DE SÃO PAULO

CASA DE BRAGANÇA PAULISTA

Rua Madre Paulina, 200
Jardim Nova Bragança
CEP 12914-475 - Bragança Paulista - SP
Tel: (11) 4033-4719

INSTITUTO EDUCACIONAL CORAÇÃO DE JESUS

Rua José Guilherme, 493 - Centro
CEP 12900-231 - Bragança Paulista - SP
Tel: (11) 4033-2763
Fax: (11) 4033-2788
Site: www.iecj.com.br

INSTITUTO EDUCACIONAL IMACULADA CONCEIÇÃO

Praça da Bandeira, 11 - Centro
CEP 13800-058 - Mogi Mirim - SP
Tel: (19) 3862-0102
Site: www.colegioimaculada.com.br

CASA DE CAMPINAS

Rua Barão de Atibaia, 825 - Apto. 71/72
Edifício Girassol - Vila Itapura
CEP 13023-011 - Campinas - SP
Tel: (11) 4032-3601

INSTITUTO EDUCACIONAL IMACULADA

Av. Barão de Itapura, 1735 - Guanabara
CEP 12020-433 - Campinas - SP
Tel: (19) 3231-7911
Site: www.imaculada.com.br



www.filhasdejesus.org.br

 [filhasdejesus](https://www.youtube.com/filhasdejesus)    [redefilhasdejesus](https://www.instagram.com/redefilhasdejesus)